

An abstract painting with dark, textured brushstrokes in shades of black, grey, and brown. The background is a complex, layered composition of these colors, with some areas appearing more saturated and others more washed out. A central black rectangular box contains the title and author's name in white text.

# Um monstro

Lucian Chaussard

**Um monstro**

**ISBN:**  
978-65-5872-096-6

**Arte da capa:**  
Danielle Lemes

Edição de autor

*“Os verdadeiros paraísos são aqueles que se perderam.”*

Marcel Proust

*Em memória de Nair Silva Goulart.*

O normal é que minha mãe vá dormir cedo. Eu espero passar umas duas horas, vou até o quarto para garantir que ela não esteja desperta, pego as chaves do carro no potinho da cristaleira e saio do apartamento tentando fazer o mínimo de barulho possível. Tenho 41 anos, mas continuo sendo proibido de sair tão tarde da noite. Quando o pai era ainda vivo, as coisas eram um pouco diferentes. Eu namorava, tinha planos de sair de casa e mais autonomia. Agora só com a mãe, as coisas retrocederam. Mesmo assim, eu não deixo de dar minha escapada. É o jeito que encontrei de relaxar um pouco para conseguir aguentar a passagem dos dias.

Desço na garagem e entro no carro. É um modelo preto de quinze anos atrás, mas ainda funciona bem, apesar do cheiro de gasolina. Era o carro do pai, hoje o usamos só para ir no supermercado todo mês. A mãe não gosta muito de sair com ele, toda vez que partimos ela reza rapidinho em silêncio, coisa que sempre me irritou. A chance de a gente se acidentar percorrendo a rua principal do bairro até o supermercado a 40 quilômetros por hora é inexistente. Ainda assim, ela põe esse medo em nós.

Saio do condomínio e dou uma volta primeiro pelo nosso bairro, a Trindade. Não tem ninguém na Rua Lauro Linhares, um lugar que vejo todo dia cheio de



gente. Essa sensação de vazio me traz uma melancolia que gosto de alimentar. Subo devagar em uma das ruas adjacentes e olho com calma cada uma das casas antigas que estão em todo o morro. Penso nas famílias em cada uma delas. Na vida que levam. Nos pais envelhecendo. Em como pessoas nascem e morrem e nada permanece. E em como um dia eu vou ser esquecido.

Desço de volta para a Lauro Linhares, avanço mais um pouco e passo ao lado do colégio militar. O terreno é grande, com um campo de futebol logo ao meu lado. Ninguém na minha família é militar, mas meus pais queriam que eu tivesse estudado neste colégio para ser uma pessoa mais disciplinada. Talvez tivesse sido melhor, eu não seria essa pessoa sem rumo que sou hoje em dia. Culpa de uma educação liberal? Acho difícil. Às vezes as coisas foram premeditadas para darem errado.

Um pouco mais adiante, chego no coração do bairro, com os centros comerciais, a praça Santos Dumont, a igreja e a UFSC. É um lugar que frequento diariamente para trabalhar, almoçar, comprar alguma besteira, tomar um café. É onde me sinto em casa. Fico imaginando a transformação que esta região passou nos últimos anos. Os primeiros moradores açorianos, o crescimento do bairro, a vinda da UFSC, a construção dos comércios. Mais uma vez sou tomado pela sensação de que as coisas não permanecem. Tanto movimento e energia para quê?

Agora pego a Beira-mar Norte e vou em direção ao Centro. É uma noite quente. O carro não tem ar condicionado e as janelas estão escancaradas. Outros motoristas passam devagar pelas pistas quase vazias da avenida. O mar é negro e não se diferencia do céu. Umas poucas pessoas andam pela calçada iluminada, onde

durante o dia centenas de pessoas vêm fazer exercício. Penso o que uma pessoa poderia fazer a essa hora na Beira-mar. Mas quem sou eu para julgar? Estou aqui também, vagando pela noite.

Chego no centro da cidade, atravesso o largo da catedral e a praça XV. Alguns pombos andam pelo calçamento procurando por comida. Mendigos dormem nos cantos da praça e nas fachadas das lojas. Venho pouco ao Centro, minha vida é no bairro onde moro e trabalho. Sempre lembro da minha vó, que me levava para comprar peixe no mercado público e materiais de costura em lojas da Conselheiro Mafra. Ela se foi faz muito tempo, quando eu ainda era adolescente. Foi minha primeira perda.

Enquanto a paisagem urbana passa, minha cabeça começa a dar voltas. Não me sinto adulto, por mais que devesse sê-lo. Eu ponho a culpa na mãe, mas sei que no fundo sou eu o responsável. Trabalho faz mais de dez anos como digitador, sou terceirizado na UFSC e ganho muito pouco, o que me impede de morar sozinho. E eu consegui esse emprego só porque o pai mexeu os pauzinhos na universidade. Meu chefe Geraldo, que era amigo do pai, se aposenta agora no final do ano e é ele que me segura ali, porque tem cada vez menos coisa para digitar. O trabalho que eu antes tinha um estagiário agora consegue resolver na maior parte do tempo escaneando documentos. Eu não sei o que vou fazer se for demitido.

Faz mais de dez anos também que não tenho um relacionamento com uma mulher. Fiquei mais feio, a barriga cresceu e tenho entradas a ponto de quase ser calvo. Desde que a Mariana me largou porque eu me acomodei, enquanto ela seguiu sua vida adiante, não consegui me aproximar de mais ninguém. Com o passar do

tempo o sexo deixa de ser uma realidade, você se acostuma. E emocionalmente eu sinto que supro a demanda por companhia com a mãe. É como se eu e ela estivéssemos casados. Sei que não é muito saudável, mas é como eu consegui me virar durante essa década em que minha vida parou.

O caminho de volta para casa faço por dentro, pelo bairro da Agrônômica. Ligo o rádio da estação que toca música pop dos anos 70 e 80, pois me parece o som ideal para um momento como esse. Deixo o volume baixinho enquanto ouço a melodia de alguma música dos Carpenters de fundo. O leve trepidar do motor do carro, as luzes baixas dos postes e o som do rádio quase imperceptível embalam o meu começo de sono. Acendo um cigarro de um maço que escondo no porta-luvas. Deixo ele mais queimar na janela do que trago. Meus olhos piscam cada vez mais lentamente e sinto que preciso voltar para casa.

De repente, deixo o cigarro cair da minha mão. Ele vai parar no meu colo e começa me queimar. Atrapalho-me todo e preciso tirar as mãos do volante. Nesse momento eu não sei direito o que aconteceu. Ouço um barulho seco, jogo o cigarro pela janela, passo a mão sobre as partes chamuscadas da minha calça e foi então que vi pelo retrovisor. Tem um corpo caído no meio da pista, na faixa de pedestres. Era uma mulher, que usava um vestido marrom e seus cabelos se espalhavam pelo asfalto. Eu demoro a entender que tinha atropelado ela, mas quando entendi, entrei em pânico. Não sei dizer exatamente quanto tempo passou, pode ter sido cinco segundos, pode ter sido cinco minutos, mas eu fiquei parado ali, sem conseguir me mexer e sem saber o que fazer. Foi então que me veio *flashes* na cabeça de eu ser preso, de minha mãe ficar sozinha e decepcionada comigo, de as pessoas do trabalho e todos



que conheço comecem a me olhar de outra forma. Por outro lado, minha consciência me diz que eu deveria sair do carro e socorrer a mulher. Era óbvio que era o certo a fazer. Mas eu não fiz. Ligo a ignição, mexo na marcha e saio do local.

Chegando no condomínio onde moro, estaciono o carro na garagem. Antes de subir o prédio inspeciono para ver se tinha alguma marca nele. Não tinha, fiquei aliviado. Entro de fininho no apartamento e confiro se minha mãe ainda dormia. Ela estava sólida, deitada de lado, não fosse pelo peito inflando e desinflando poderia dizer que ela estava morta. Já no meu quarto, tiro a roupa e tenho vontade de tomar banho e jogar tudo que fez parte da cena no lixo. Mas era tarde demais para fazer qualquer coisa. Deito-me e custo a dormir. A cena repassava pela minha cabeça. Quase me levanto e volto ao local para ver se ela estava ainda lá para socorrê-la. Mas não fiz isso. O cansaço do dia tomou conta do meu corpo e em determinado momento da madrugada que não sei precisar direito, fechei os olhos e dormi.

Acordo cansado, suado, atrasado. Foi minha mãe que me veio despertar, dizendo que já tinha passado a hora. Dei um beijo nela, boto a roupa, lavo o rosto e escovo os dentes em menos de cinco minutos. Não tinha tempo para tomar café, apesar dos protestos dela. Desejei um bom dia e saí apressado em direção à rua.

Apesar de ter carro, eu vou para o trabalho de ônibus. É difícil de achar lugar para estacionar na UFSC, então para não me incomodar passei a utilizar o transporte coletivo. Eu normalmente pego o ônibus que passa no ponto às 7h45 e chego no trabalho um pouco antes das 8h. No momento, já era 8h30 e eu ainda teria que esperar mais sete minutos para o próximo ônibus aparecer.

Quando chega, o ônibus está vazio, apesar do horário. Sento-me em um banco na parte traseira e encosto a cabeça na janela. Vejo passar sobre mim o mesmo cenário que vi escuro pela madrugada. Além da luminosidade, agora também havia vida. Olho para uma mulher esperando para atravessar na faixa de pedestres e de repente me lembro de ontem. Tinha a esperança de que tenha sido apenas um sonho, mas sei que não foi. A mulher na faixa tem os cabelos longos e também veste marrom. *Flashes* da madrugada pipocam na minha cabeça. O som baixo dos Carpenters, o cigarro queimando na janela e depois caindo no meu colo, uma batida

surda, o corpo caído no chão logo atrás do meu carro. Sinto-me um lixo. A mulher pode estar morta nesse momento e é tudo culpa minha. Não acredito que fui capaz de fazer uma coisa dessas. Não sei o que pode acontecer a partir de agora.

Penso que o que me resta é tentar viver normalmente e esperar para ver se surge alguma notícia do acontecido. O ônibus chega na minha parada e desço. Dali até a repartição onde trabalho dá menos de cinco minutos de caminhada. Entretanto, dessa vez, pareceu muito mais. Fico imaginando se vou conseguir manter uma expressão neutra, se não vou dar na cara de que tem algo de errado. Vai ser um dia longo. Espero que tenha bastante trabalho para me fazer esquecer um pouco do que aconteceu. Mas na verdade quase nunca tem.

Abro a porta do nosso escritório e todo mundo me olha de soslaio. Eles sabem de alguma coisa ou é só por que cheguei atrasado? Guardo minha mochila e sento no meu lugar. Dou um aceno para Renato, meu único amigo da repartição. Ele tem mais ou menos minha idade e também é terceirizado, mas trabalha na área de contabilidade, enquanto eu sou um mero digitador. As outras pessoas do escritório, a Cláudia, o Mário, o Jonatas, a Marlise e um que sempre esqueço o nome, tenho contato apenas superficial. Nosso chefe, Geraldo, o Geraldão, como meu pai chamava, se aproxima de mim e dá um bom dia meio mastigado. Ele não gosta que cheguemos atrasados. Em seguida, bota na minha mesa duas pastas com alguns papéis soltos, diz que é para eu digitar até antes do almoço. Nunca fiquei tão contente de ter trabalho para fazer.

Meti a cara nos arquivos e passei as próximas horas digitando esses documentos que parecem ser da década de 80. Saí uma vez rapidamente para ir ao

banheiro, mas não perdi o ritmo. Quando faltava dez minutos para o meio dia, enviei o e-mail para o Geraldo com o material transcrito. Ele me deu um aceno dizendo que recebeu e disse que eu podia almoçar.

Eu e Renato saímos e fomos almoçar em um restaurante perto da UFSC. Renato é muito parecido comigo, é magro, mas tem uma barriga saliente, usa barba e cabelo curto e tem a pele pálida de não sair muito de casa. No caminho, ele nota que estou estranho. Tento desconversar. Almoçamos em silêncio e, na volta para o escritório, tomando um picolé de sobremesa, digo a ele meu medo de perder o emprego em um futuro breve.

“O Geraldo se aposenta agora no final do ano. Não vai ter mais ninguém aqui para me bancar”, disse eu.

“Sim, acho que tu parou no tempo. Tu tem que ter mais iniciativa, aprender coisas novas, assumir responsabilidades. Tu só fica no teu canto, cara”, diz Renato.

“É meu jeito, sei que é uma merda e que me prejudica, mas eu só quero receber o salário no final do mês e me preocupar com meus autismos fora do trabalho.”

“Tu sabe que não é assim que funciona, tem gente se matando pra conseguir vaga de salário mínimo, a economia tá uma merda, tu devia agradecer de ter o teu empreguinho e fazer de tudo para não perder ele.”

“Eu sei, na teoria eu concordo contigo, é fácil olhar de fora, mas eu não tenho energia, eu só consigo fazer o básico mesmo.”

“Bem, então vais ter que arcar com as consequências.”

Achei a afirmação meio ríspida, mas sei que ele não me diz essas coisas por mal, por isso relevei. Chegamos ao escritório, cada um se sentou no seu respectivo lugar e voltamos a trabalhar. A tarde foi bem mais tranquila para mim. Tive pouca coisa para digitar. Em compensação, o estagiário tinha bastante documento para escanear, então acabei ajudando ele, não sei se o Geraldo percebeu minha iniciativa.

Deu 18h30 e cada um arrumou suas coisas para ir embora. Despedi-me do Renato na rótula da UFSC, pois ele mora no centro, e decidi voltar para casa a pé. Apesar de perto do verão, batia um vento frio e agradável. Volta e meia faço isso de caminhar de volta para casa, invés de pegar o ônibus. Dessa vez, com os problemas que tenho na cabeça, eu precisava caminhar um pouco para me acalmar.

No meio do caminho paro na padaria perto de casa e compro um saco de pão doce com farofa, a massinha, como a mãe diz. Ela adora esse tipo de pão, se pudesse, vivia só dele com café com leite. Fazer esses pequenos agrados me criam a ilusão de que eu também ajudo na casa. Mas sei que isso não é verdade. Meu salário fica todo comigo, não ajudo na limpeza, a gente contrata uma diarista. A única coisa que faço é ir no mercado com ela e na farmácia quando ela precisa de algum remédio. Eu sei que deveria ser melhor, mas tudo parece muito difícil, é uma mistura de preguiça com tristeza que não sei explicar direito.

Chego no apartamento, vejo minha mãe sentada no escuro, na nossa sala. Ela está na poltrona que tanto gosta, com uma das mãos pousadas sobre o braço do móvel, mãos essas que batem os dedos em um ritmo de uma canção que ela aprendeu na infância e que murmura: “meu galho de malva, meu manjerição, dá três pancadinhas no meu coração”. Na penumbra, mal consigo distinguir seu cabelo

pintado de castanho claro e as rugas da sua pele, que me lembram papel amassado. Penso em tudo que essa mulher deve ter vivido em quase sete décadas de vida ao mesmo tempo em que ela é tão ignorante quando se trata de educação formal. Ela não percebe que eu cheguei. A imagem de ver ela no escuro da sala, na fase final de sua vida, com vários problemas de saúde como pressão alta e constantes pneumonias no inverno me deixou um pouco melancólico. Como ela encara o fim da vida dela? Será que ela acha que a sua vida valeu a pena? Talvez ela seja bem mais resolvida do que eu.

“Oi, mãe, eu trouxe pão, vou deixar ali na cozinha.”

“Obrigada, meu filho.”

“Como foi teu dia?”

“Ah, o que tu quer que eu diga? O de sempre, passei uma vassoura na casa, fiz o almoço, rezei, vi um pouco de TV, agora tava aqui pensando.”

“No quê?”

“Na vida, no teu falecido pai, em ti.”

“Tem algum problema?”

“Não, tá tudo bem eu acho.”

“Mesmo?”

“Sim, eu acho, só fico preocupada contigo às vezes.”

“Por quê?”

“Porque tu não casou ainda, não me deu um netinho, desde que teu pai se foi tu não se mexeu mais.”

“Ah, mãe, não começa...”

“Isso não é normal, tu vai ficar velho sozinho, quem vai cuidar de ti?”

“Eu não sei, tem muito tempo pra isso ainda.”

“Olha, que a vida passa rápido”

“Pra mim passa bem devagar.”

“Tu promete que vai tentar arranjar uma moça pra casar?”

“Eu não prometo nada, para de me incomodar.”

“Ai, meu filho, assim tu me deixa triste.”

“Tá bom, chega, eu vou tomar um banho, depois eu como alguma coisa, não precisa esperar por mim.”

Arrumei-me, fiz um sanduíche e passei o resto da noite trancado no meu quarto. Liguei a TV na hora do noticiário local e fiquei apreensivo na expectativa de que surgisse alguma reportagem sobre o ocorrido. Não apareceu nada. Sentei na escrivaninha, liguei o notebook e dei uma olhada pelos sites de notícia da cidade. Também não achei nada. Senti-me meio confuso. Acho que parte de mim queria que algo acontecesse, não sei por quê. Ao mesmo tempo, me senti aliviado, talvez ela tenha se levantado depois que eu saí, talvez alguém tenha ajudado ela. Nem sempre o pior acontece, eu acho.

Dormi um pouco mais tranquilo do que na noite anterior. Fiquei com a sensação de que minha vida talvez tivesse voltando ao normal.



Acordei no horário desta vez. Saindo do banheiro, percebi que lá fora chovia forte e relampejava com frequência. Minha mãe sempre diz que devemos respeitar as tempestades, como se fossem uma entidade superior que não devemos testar o humor. E lá estava ela, na cozinha, tomando seu café. Ela tem o hábito de picar o pão com a mão antes de colocá-lo na boca, uma mania que sempre me chamou a atenção. Entre as beliscadas, ela tossia e reclamava de não ter dormido direito por causa dos acessos da noite. Eu me sento e tomo meu café em silêncio. Ela pergunta se eu tenho roupa suja e diz que eu deveria comprar cuecas novas, pois as minhas já estão rasgando. Eu concordo, meio reticente, enquanto ela fala que vai me dar um dinheirinho para eu ir ao shopping comprá-las.

Saio de casa e o dia dessa vez parece menos tenso. Pego o ônibus no horário, olho a Lauro Linhares da janela e penso que talvez tudo tenha se resolvido. Chego no trabalho um pouco suado, pois o tempo é abafado, apesar da chuva, me acomodo, dou bom dia a todos e espero até vir alguma coisa para digitar. A manhã é lenta e quase não há serviço. Passo boa parte do tempo navegando pela internet. Quase no horário do almoço, por tédio, abro o site do jornal local. Não está em destaque, mas logo bati o olho. “Mulher morre atropelada na Trindade, motorista foge”. Começo a suar. Abro a notícia e leio nervoso. Aparece o nome da senhora: Denise dos Santos,

57 anos. Ela foi levada ao hospital universitário e não sobreviveu aos ferimentos na cabeça. Meus olhos se umedecem. Junto ao texto, há uma foto de câmera de segurança. Ao fundo, aparece meu carro, mas como a imagem é ruim e estourada, não dá para ver a placa. Na matéria diz que a Polícia Civil está investigando o caso e há um apelo da filha de Denise, Joana dos Santos, de 25 anos, para que se alguém tiver alguma informação, entre em contato.

Fecho o navegador e sinto um enjoo súbito. Corro para o banheiro e tento vomitar no vaso, mas não consigo. Minhas mãos tremem. De frente para o espelho, lavo bastante o rosto, quase tomo um banho de pia. Tenho metade do dia ainda para encarar, preciso pensar no que fazer.

Dessa vez disse ao Renato que ia almoçar sozinho, pois tinha uma coisa para resolver no horário do almoço. Era mentira, claro. Eu só não teria como sustentar minha cara num momento desse. Eu estava sem fome, não almocei. A chuva parou, então me sentei na praça Santos Dumont e fiquei olhando as pessoas passarem. Todas parecendo despreocupadas, o que me fez sentir mais condenado ainda. Perto de mim, de repente, um passarinho cai fulminante em espiral. Inclino-me e vejo a ferida aberta no seu corpo. Olho para cima a procura do que pode ter causado isso, mas não encontro nada. De repente, o *flash* do corpo de Denise caído no asfalto me vem à mente. Desvio meu olhar e vejo que uma mãe e uma criança brincam no parquinho da praça. Há uma leveza que não me parece mais possível. Que desastre. Não só não dei um neto para minha mãe, como não casei e agora vou ser preso por homicídio culposo. Eu não sabia onde enfiar minha cara.

O resto do expediente foi tão parado quanto a manhã. Tem dias que é assim. E foi horrível ser assim nesse momento. Eu precisava de distração. Abri o site com a notícia não sei quantas vezes, procurando por mais detalhes, algo que eu tenha deixado escapar. Olhando a imagem da câmera de vigilância, contudo, tive uma ideia.

O expediente terminou e voltei para casa de ônibus. O coletivo estava lotado, como é comum no horário e eu fiquei em pé espremido entre algumas pessoas. Eu só queria chegar em casa e sumir por alguns instantes. Quando cheguei, minha mãe estava no quarto vendo a novela. Dei um oi discreto e me tranquei no quarto. Fiz algumas consultas na internet e me decidi. Depois disso, fui até o quarto da mãe e pedi para falar com ela um pouco.

“Sabe o que é, eu tava pensando, e se a gente vender o carro?”

“Como assim? Achei que tu gostava dele.”

Ela tosse um pouco.

“Eu gosto, mas fiz umas contas e acho que no fundo não vale a pena. A gente só sai com ele para ir no mercado, é um custo muito alto para isso, tu não acha?”

“E como a gente iria então?”

“De aplicativo, mesmo pagando sai mais barato do que pagar gasolina, manutenção e imposto.”

“Bom, não sei, tu que sabe é tu que dirige ele, né, mas achei que tivesse ele como recordação do teu pai.”

“Eu tenho, mas acho que tá na hora de seguir adiante, temos várias fotos dele pela casa, ele não vai ser esquecido, além disso, não custa a gente ter uma reserva de dinheiro, tu não acha? Pode surgir algum imprevisto.”

“É, acho que sim. Vende então.”

“Tá bom, amanhã eu resolvo isso, então. Tu já comeu?”

“Sim, não tava com muita fome.”

“Tá bom, vou comer alguma coisa, então.”

Enquanto comia um pão na cozinha fui me acalmando aos poucos. Não era o melhor dos planos, mas me ajudaria um pouco. Pensei se teria muitas outras câmeras que pegaram o trajeto do carro, espero que não. Sei que aqui no nosso condomínio não tem, já que ele é antigo. Vou precisar contar com um pouco de sorte para sair dessa.

No trabalho, pela manhã do dia seguinte, meu chefe Geraldo veio falar comigo. Ele era um homem alto e forte, o que não aparentava sua idade avançada, tirando os cabelos laterais brancos. Saímos do escritório e fomos até a máquina de café do setor. Ele mexe o copinho de plástico com café preto para dissolver o açúcar, olha para mim e fica em silêncio um segundo, até que fala.

“Tu sabe que eu tô de saída, né?”

“Lembro de tu ter falado sobre isso no começo do ano.”

“Sim, eu só tenho mais um mês aqui.”

“Finalmente vai poder descansar, né.”

“Sim, não vejo a hora. Mas eu queria é falar sobre ti.”

“Hum, o quê?”

“Olha, Márcio, tu sabe que tu só tem esse emprego porque teu pai era meu parceiro, foram anos de amizade, que deus o tenha.”

Eu concordo com a cabeça, preocupado.

“Tu parece nervoso, tá tudo bem?”, disse ele.

“Sim, tá tudo bem, pode continuar.”

“Bem, a verdade é que tua colaboração é muito pequena pro setor e comigo saindo, o provável é que tu também saia no começo do ano que vem, quando mudar a chefia.”

“Eu imaginei que isso pudesse acontecer.”

“Pois então, tá na hora de tu pensar no teu futuro. Tu não é mais um guri, na verdade, já tem 40 anos na cara, teu pai ficaria preocupado contigo, assim como eu tô agora.”

“Eu sei, o que tu acha que eu posso fazer? Trabalhar em supermercado, com telemarketing?”

“Seria muito ruim tu ter que apelar para esse tipo de emprego, mas como a economia tá mal sei que às vezes não se tem muita escolha. Tu é formado no que, mesmo?”

“Em história.”

“Tu fez licenciatura ou bacharelado?”

“Bacharelado, não posso dar aula. Eu poderia tentar um mestrado, mas faz mais de 15 anos que eu me formei, eu não sei mais o que é estudar, seria um sofrimento.”

“É, o mestrado seria só mais uma solução provisória pro teu problema, a não ser que tu queira seguir carreira acadêmica. Tu tem interesse?”

“Acho que não, quando eu estudava até considerava uma opção, mas agora é um mundo distante de mim.”

“E agora, então?”

“Eu não sei.”

“Bom tu tem um mês e mais as férias para pensar. Eu se fosse tu já começaria a se mexer agora. Talvez fazer algum curso para se especializar? Assim teria mais chances.”

“É, não sei...”

“Pensa bem, querido.”

Damos um último gole de café e ficamos em silêncio por alguns segundos.

“Geraldo, preciso te pedir uma coisa.”

“Pode falar”

“Eu preciso fazer um horário de almoço um pouco mais longo hoje. Talvez não precise, mas talvez eu me atrase, vou resolver um compromisso nesse meio tempo.”

“Tudo bem, não tem muita coisa pra ti hoje, só não volta muito tarde.”

“Tá bom, obrigado.”

Voltamos para a sala e o resto do expediente pela manhã passou de maneira devagar. Quando chegou meio dia, saí da UFSC, tomei um ônibus de volta para casa e peguei o nosso carro. Feitas as consultas no dia anterior pela internet, separei o endereço de duas lojas que vendem e compram carros usados na região. Chego na primeira delas, o vendedor avalia o carro, que não vale muito porque já tem alguns anos de estrada e faz a proposta. Foi um valor bem abaixo do que eu estava esperando, mas eu não tinha muita escolha, tinha que me livrar desse carro o quanto antes. Acho que ele percebeu meu desespero e por isso se aproveitou da situação. Depois de passar no cartório, saí me sentindo um pouco otário, mas dadas as circunstâncias, tinha que ser feito.



Um pouco mais aliviado de não ter mais o carro, passei o expediente da tarde relaxado. Logo chegou a hora de ir embora e no caminho para casa passei na padaria para comprar pão pra mãe. Comemos sem ter muito o que falar para o outro, ela picando o pão e botando na boca, eu comendo os dois sanduíches que fiz em poucos minutos. Depois disso, cada um se recolheu para o seu quarto onde em pouco tempo minha mãe já estaria dormindo.

Nesse meio tempo, dei mais uma olhada nas notícias sobre o atropelamento. Em uma delas, de um site que ainda não tinha visto, mencionava mais sobre a filha da senhora atropelada. O nome dela é Joana dos Santos, tem 25 anos, é caixa em supermercado e pede caso alguém tenha alguma informação da pessoa que atropelou, que entre em contato com a polícia. Na matéria diz ainda que Denise dos Santos tem mais um filho de 16 anos e que era mãe solteira. Sentindo-me culpado fiquei com o nome de Joana na minha cabeça. Fechei o site e decidi jogar um pouco de xadrez online para relaxar. Tenho um amigo que sempre jogo contra. Ele usa o apelido *Blackdog*, estamos em níveis parecidos. Chamo ele no chat e começamos uma partida. Perco. Jogamos outra. Perco mais uma vez. E outra. Sinto dor de cabeça. *Blackdog* abre novamente o chat comigo e pergunta se está tudo bem.

“Sim, aconteceram algumas coisas, mas tá tudo bem.”

“Percebi, tu tá jogando muito mal hoje, cometeu um monte de erro bobo e não viu minha estratégia óbvia de entregar o bispo das casas brancas para dar o xeque com a torre e a rainha.”

“É, eu sei, tô com a cabeça meio aérea.”

“Quer conversar?”

“Não sei, acho melhor não.”

“Pode te ajudar.”

“Digamos que eu tenha feito uma merda muito grande e tô só esperando para que as consequências cheguem.”

“Sei. Tu é muito afobado, tu é assim no jogo e parece ser assim na vida. Pensa que agora já aconteceu, não tem mais volta, tenta ver o que dá para fazer a partir daí. Estratégia, meu amigo”

“Sim, preciso esfriar a cabeça.”

Conversamos mais um pouco, sem eu entrar em grandes detalhes, até o assunto morrer. Desliguei o computador e me deitei na cama, mesmo não tendo sono ainda. Os momentos do atropelamento voltavam na minha cabeça. O nome de Joana também ficou marcado. Custei a dormir, ia ser mais uma manhã de trabalho letárgica.

O dia seguinte foi uma mistura de tédio com apreensão. Tomei café com a mãe, o mesmo pão picado com a mão, o barulho estridente ao dar um gole no café, as tosses contínuas. O ônibus lotado e opressivo, em mais um dia chuvoso. No trabalho, pouca coisa para fazer. Digitei algumas planilhas e tive muito tempo livre para lidar. Emburrado, comecei a navegar pelas redes sociais. O nome da filha de Denise, Joana dos Santos, me veio à mente. Sei que é um pouco esquisito fazer algo do gênero, mas acho que tenho uma propensão a coisas do tipo. Pesquisei o nome dela no site. Vieram dezenas de Joana dos Santos, nome obviamente muito comum. Filtrando pela cidade, cheguei a cinco perfis. Fiz uma análise de idade de cada uma e reduziu para três. Uma delas, trabalhava no supermercado que fica no nosso bairro, só podia ser ela.

Pensei em mandar uma mensagem, mas não saberia o que dizer. Acabei deixando isso de lado quando surgiu mais trabalho. Passado o expediente, indo para casa a pé, não consegui evitar. Decidi passar no supermercado para vê-la de perto. Não sabia se ela estaria trabalhando nesse horário, seria um chute. Entrei no estabelecimento e passei na frente de cada caixa. De repente, lá estava ela. Tive vontade de chegar mais perto, mas não sabia como. Acabei me aproximando das

gôndolas e peguei a primeira coisa que me veio na frente para comprar, uma garrafa de isotônico sabor maracujá.

Fui em direção ao caixa dela com o produto na mão. Ela estava terminando de atender outro cliente. Aproximei-me, dei boa noite, ela fez o mesmo, sem vida. Olhei rapidamente para o seu rosto e as olheiras eram notáveis. Ela forçava uma expressão de estar se sentindo feliz, mas dava para perceber que era fachada. Tendo passado alguns dias do atropelamento, talvez fosse o primeiro dia de retorno ao trabalho depois do luto. Entreguei o isotônico para ela, ela passou o produto no leitor de código de barras e me disse o valor da compra. Tirei minha carteira, saquei meu cartão do banco e inseri na máquina. Ela falou para eu esperar um segundo e em seguida disse que eu podia digitar a senha. Nesse momento tive vontade de falar alguma coisa. Qualquer coisa que fosse, um perdão, um sinto muito, um eu não posso imaginar pelo o que você está passando, mas não disse nada. Ela me agradeceu, eu agradei de volta, peguei a sacola com a compra e saí dali, caminhando de volta para casa.

No apartamento, falei um pouco com minha mãe, que estava no seu quarto vendo TV. Disse para ela que o dinheiro do carro estava na poupança que tínhamos em conjunto. Falei que podíamos comprar algo para ela, se quisesse. Ela brigou comigo e falou que não deveríamos gastar dinheiro à toa, que era bom ter uma reserva para emergências. Concordei e desejei uma boa noite. Fiz um lanche na cozinha e depois fui para o meu quarto. Pensei em jogar uma partida de xadrez com *Blackdog*, mas me sentia mentalmente cansado, mesmo não tendo feito grande coisa no dia. Era provavelmente a tensão de tudo que tinha ocorrido nos últimos tempos.

Deitei por um instante pensando no que poderia fazer quando de repente tocam a campainha. Imaginei que minha mãe já pudesse estar dormindo, então fui até a porta da sala ver quem era. Um homem com uma camisa social abarrotada e uma carteira preta de couro na mão estava parado na minha frente.

“Boa noite, o senhor é Márcio Peluzzi?”

“Sim, quem deseja?”

Ele mostra sua identificação.

“Meu nome é Giovane, sou investigador da Polícia Civil. Eu gostaria de falar com o senhor por um instante.”

Fico bastante nervoso, mas tento não demonstrar.

“Tá bom, mas vamos na área externa do condomínio, minha mãe tá dormindo e eu não quero acordar ela.”

Fechei a porta, saímos do bloco, fomos até uma área que tem uns bancos e nos sentamos. Ele me mostra uma foto de câmera de vigilância.

“Pois bem, você é proprietário de um veículo como este?”

“Era, vendi o carro.”

“Certo, faz muito tempo?”

“Algum tempo, não lembro.”

“Mas ele está no seu nome ainda.”

“Eu deixei ele em uma revendedora, não deve ter saído de lá ainda.”

“Onde você estava na noite de seis de dezembro?”

“Em casa.”

“Alguém pode confirmar isso?”

“Minha mãe. De qualquer forma eu tô sempre em casa de noite.”

“Não tem muitas pessoas com esse carro nessa cor aqui na região. O atropelamento da dona Denise aconteceu aqui perto.”

“Eu ouvi falar, uma tragédia.”

“Tem tem alguma informação que possa me dar?”

“Não tenho, desculpe.”

“Tudo bem. Voltamos a nos falar. Fique com o meu cartão caso lembre de alguma coisa. Obrigado.”

Nos levantamos e Giovane vai em direção à frente do condomínio. Eu volto para o meu bloco, suando, revendo na minha cabeça o que acabei de falar para ver se deixei alguma coisa escapar. Acho que não deixei. O quanto será que ele sabe? Será que já poderia me prender ou está apenas esperando o momento ideal?

Depois de mais um dia tedioso e cheio de ansiedade no trabalho, tomei café da noite com minha mãe na cozinha. Falamos algumas amenidades e depois me recolhi. No quarto, liguei o computador e joguei algumas partidas de xadrez. Ainda curioso pela filha de Denise, a Joana, pedi para *Blackdog* alguns dados pessoais dela. Ele trabalhava na parte de TI de uma empresa que tinha acesso a dados de consumidores do Brasil inteiro, então conseguir informações desse tipo não era difícil. Ele baixou a ficha dela e me passou. Eu tinha tudo agora: nome completo, idade, CPF, endereço residencial, número de telefone, dentre outros dados. Anotei tudo no meu celular, agradei meu amigo e fui dormir.

A manhã seguinte foi como qualquer outra. Nem parecia que eu tinha cometido um crime. Estava especialmente amoroso com minha mãe e fui de bom humor para o trabalho. Foi um expediente tranquilo, poucas coisas para digitar e mais uma vez fui ajudar o estagiário para não me sentir tão inútil. Eis que deu o horário do almoço. Disse para Geraldo que tinha um compromisso para resolver e que talvez me atrasasse um pouco. Outro depois de poucos dias. Ele me olhou meio torto mas liberou.

Peguei um ônibus e fui para o outro lado do bairro. Subi a rua em direção morro. Sim, eu estava indo na casa de Joana no horário do almoço. Era bastante



provável que ela estivesse lá, já que trabalha no supermercado de noite. Por que eu estava fazendo isso? Culpa? Psicopatia? Eu não sei bem, mas o fato é que estava indo para lá.

Fiquei com um pouco de medo de subir o morro, logo notaram que eu não era dali, mas a casa de Joana era no começo da comunidade. Era uma casa de madeira elevada sobre vigas. Subi a escada e bati na porta. Demorou alguns segundos, mas abriram. Foi um rapaz, baixo, pele queimada de sol, dentes bem brancos, de mais ou menos uns 15 anos de idade, devia ser irmão dela. Apresentei-me como voluntário da ONG Reviver e disse que queria falar com Joana. Ela se aproximou da porta, me achou esquisito, mas inofensivo, então me convidou para almoçar e me deixou entrar.

Eu me sentei no sofá da pequena sala e esperei que eles terminassem de almoçar. Joana vestia uma roupa meio surrada e parecia um pouco constrangida por isso. Ela tinha os cabelos negros ondulados amarrados e os olhos oblíquos e ligeiros. Como eram educados, os dois comeram rápido para logo me atender. Tendo retirado a mesa do almoço, enquanto o rapaz lavava a louça, Joana se sentou na sala comigo.

“Joana, como eu disse, sou da ONG Reviver. Nós fazemos um trabalho de acompanhamento psicológico.”

“Certo, mas por que tu tá aqui?”

“Nós ficamos sabendo que você passou por uma situação delicada, o falecimento de sua mãe.”

“Sim, mas eu não pedi nada, eu não tenho dinheiro.”

“Tu não precisa se preocupar, não fazemos isso por dinheiro. Só queremos te ajudar. Como tu vem se sentindo?”

“Mal, né. Minha mãe era minha vida. Mas a gente é pobre, não pode se dar ao luxo de ficar de luto, tem que continuar batalhando. Talvez meu irmão, o Júlio, vá ter que parar de estudar e arranjar um emprego. O que eu ganho no supermercado é pouco para sustentar nós dois. Vamos ver.”

“Sim, são muitas dificuldades, mas tu tem que dar um tempo para assimilar a dor. É um choque muito grande.”

“Sim, foi horrível, eu estranhei que ela não tinha voltado para casa. No começo da manhã a gente recebeu a ligação do hospital. Não deu nem para se despedir dela direito. Eu ainda não sei como vou viver sem ela, a gente nunca teve pai, ela era que segurava a onda aqui em casa, trabalhava de faxineira, mesmo não sendo mais jovem. Eu não sei mesmo o que eu vou fazer sem ela.”

Os olhos de Joana lacrimejam.

“A perda faz parte da vida, mas perder nessas circunstâncias realmente é muito ruim. O que você sente a respeito da pessoa que fez isso?”

“Eu não sei, é muito injusto. Nem ajudar ele ajudou. Que pessoa é essa que não tem coração para ajudar alguém depois de uma coisa dessa?”

“O que tu falaria para ele se visse ele um dia na rua?”

“Eu não sei o que falaria. Eu não tenho reação ainda, só sinto dor, me sinto fraca e morta por dentro.”

“Isso é uma parte importante do processo de luto. Você tem que superar isso. Mas ainda é cedo, com o tempo as coisas melhoram.”

“É o que todo mundo fala, mas eu não consigo ver um palmo na minha frente agora. Tento seguir uma rotina de trabalho, cuidar da casa e do meu irmão e é isso que me sustenta, eu tô vivendo no automático mesmo, sabe?”

“É compreensível. Mas tu tem que reagir. E falando a gente vai organizando as coisas na cabeça. Por isso que a gente tá tendo essa conversa.”

“Sim, eu agradeço por me ouvir um pouco.”

“É o mínimo que eu poderia fazer.”

“Por quê? Tu não me deve nada.”

Percebo o deslize que cometi.

“Não devo, mas é como se a gente tivesse uma missão. Mas de qualquer forma, o assunto aqui não sou eu, é tu e como lidar com a perda.”

“Sim, é verdade.”

“Tu pode me passar teu telefone para a gente manter contato?”

Ela me dita o número e eu finjo que anoto no meu celular, pois eu já tinha esse dado dela.

“Obrigado. Eu entro em contato contigo.”

“Eu que agradeço, desculpa nem te ofereci nada, um café, uma água.”

“Não tem problema, eu não queria nada. Bem, nos falamos. Fique bem”

Levanto-me do sofá e Joana me leva até a porta da casa. Aceno para Júlio e me afasto da casa deles. Desço o morro e começo a transpirar. Não sei por que fiz tudo isso. Não sei se fui convincente. Não sei o que tenho na cabeça. Mas eu senti que precisava ver as coisas de perto.

Voltei para o trabalho sem me atrasar muito. Meu chefe deu um aceno discreto e voltei ao trabalho tedioso de sempre. Foi um dia normal, mas eu parecia outro. Sentia-me mais seguro e menos assustado. Tomara que continuasse assim.

No meio do dia, recebi uma mensagem de Daniel. Ele queria se encontrar comigo para tomar uma cerveja. Daniel foi meu melhor amigo na época da universidade. Hoje em dia nossos laços diminuíram, cada um tem sua vida e suas preocupações, mas nos esforçamos para manter o contato.

Daniel virou professor. Não é concursado na universidade, então não ganha tão bem, mas vive melhor do que eu, com certeza. Temos mais ou menos a mesma idade, e ele já é casado, mas não tem filhos. É uma versão melhor de mim mesmo, poderíamos dizer. Ao mesmo tempo, parece haver nele um esforço para não deixar de ser o jovem que era quando nos conhecemos na faculdade. Acho que a dificuldade de alcançar a maturidade é um problema da nossa geração, se depender de nós, o mundo vai ter crescimento vegetativo negativo.

Saí do trabalho, comprei um pão para minha mãe e sentei com ela na hora do café da noite, mas não comi. Entre tosses e mastigadas ela me dizia que precisávamos fazer compras e perguntou o que eu gostaria de comer no sábado, dia sagrado em que almoçamos juntos. Nossas conversas giram sempre em torno de questões práticas. Sinto que minha mãe tem uma existência muito pobre, mal sai de casa, vê as mesmas coisas na TV, parece estar esperando a morte, me sinto mal em dizer isso,

mas parece ser a realidade. Contudo, não a julgo. Já sinto tédio na minha existência passados os 40 anos de idade, imagino o que deva ser depois de aposentado, no final da vida. Só o fato de ela estar lúcida e ativa já considero uma vitória.

Minha mãe já dormia e eu me preparava para sair de casa. Começava a chover fino, então peguei um guarda-chuva e saí de casa a pé em direção à lanchonete que nos encontramos desde a época da faculdade. É um desses estabelecimentos que vendem sanduíches como x-saladas, x-galinhas, misto quente, batata frita e que tem um cardápio restrito de bebidas alcóolicas. Sentei-me em uma das mesas de plástico vermelho que ficam na calçada, pedi por uma cerveja, guardei o guarda-chuva pois o chuveiro parou e esperei por Daniel.

Não tardou cinco minutos e vi o carro dele estacionando um pouco acima na rua. Daniel é alto, usa o cabelo cortado com máquina, é bastante magro e um pouco desproporcional, não parece um adulto. Levantei-me um pouco da cadeira e o cumprimentei. Seu copo já estava a postos, só me bastou enchê-lo com cerveja. Perguntei se ele estava com fome, ele disse que sim e cada um de nós pediu um lanche, que depois de dez minutos chegou munido de vários tubos de maionese, ketchup e mostarda.

Comemos alternando mastigadas monstruosas com falas protocolares perguntando como estavam as coisas e o que vinha fazendo, até que o assunto sério começou de fato.

“Cara, te chamei porque precisava desabafar um pouco”, disse Daniel.

“Fala.”

“Sem rodeios, acho que a Renata tá me traindo.”

“Hum, o que te faz achar isso?”

“Ela vinha andando meio estranha nos últimos meses, voltando tarde para casa em alguns dias, meio diferente, não sei.”

“Mas isso não é o suficiente pra tu tirar essa conclusão.”

“Não, mas eu tive acesso ao celular dela um dia, tava desbloqueado. Olhei as mensagens e tinha um longo e pessoal *chat* com o contato chamado Farmácia. Só podia ser um amante.”

“É, pode ser, mas acho que tu precisa falar com ela.”

“Eu sei, mas não tive coragem ainda. Pode ser o fim de tudo, estamos juntos faz mais de dez anos.”

“É, cara, foda... mas tu perdoaria?”

“Dependendo de o quão longe ela foi, sim.”

“É complicado.”

“Por quê? Tu acha que eu vou ser um corno manso, ou alguma coisa do tipo? Não é questão disso, eu não me importo com o que os outros pensam, ela é a pessoa mais importante da minha vida.”

“Sim, eu te entendo, mas tu pode perder o respeito dela, ela talvez não queira mais nada, vai depender de como é essa relação extra dela. Por isso, tu precisa conversar com ela.”

“Eu sei, eu sei. Só precisava desabafar com alguém antes. E contigo, como estão as coisas?”

“Tão bem, acho.”

“Eu te conheço, tu tá parecendo meio esquisito.”



“Bem... aconteceu uma coisa.”

“O quê?”

“Não sei se consigo te contar. O que eu posso dizer é que eu fiz uma cagada gigante.”

“E tem como consertar?”

“Não.”

“O que resta então?”

“Eu posso ser punido. Ainda não aconteceu o que devia acontecer.”

“Olha, independentemente do que tu fez, se foi errado, acho que tu devia pagar por isso.”

“É fácil falar estando de fora, quando tu é o culpado não tem como não ficar dividido entre fazer o certo ou tentar se safar.”

“Tu lembra do nosso professor Eriberto?”

“Lembro.”

“Ele adorava contar sobre o julgamento de Sócrates. Lembra disso?”

“Um pouco.”

“Ele dizia: Sócrates tinha sido condenado por não reconhecer os deuses gregos e por corromper a juventude da cidade. Foi julgado, condenado, mas podia ter escolhido o exílio. Preferiu tomar a cicuta e ser morto para ensinar sua última lição: a de que o filósofo não deve temer a morte e não deve corromper suas convicções. Ele fez o que era certo.”

“Eu não sei se sirvo para mártir.”

“Mas teu caso não deve ser de vida ou morte.”

“É, não sei. Eu não tenho convicção, assim como tu não parece estar muito certo de enfrentar tua mulher.”

“Touché. Vamos fazer um pacto, então. Nos comprometemos a encarar o destino e fazer o que é certo. Topa?”

“Preciso pensar.”

“Covarde.”

“Talvez eu seja mesmo.”

Depois dessa conversa o papo se desviou para questões mais amenas. Trocamos impressões do cotidiano e lembranças do passado até perto da meia-noite, quando tivemos que ir embora para não comprometer nossos trabalhos na manhã seguinte. Voltando a pé para casa, de súbito, tive lembrança de Mariana, minha ex-namorada. Não estamos juntos faz dez anos, mas alguma coisa persiste em mim, uma teimosia. Mandeí uma mensagem para ver se ela estava acordada, iria lhe contar tudo sobre o que aconteceu comigo, atitude que não teria coragem se não tivesse tomado umas cervejas a mais. Contudo, ela não respondeu. Talvez assim tenha sido melhor. Cheguei em casa, tentei fazer o mínimo de barulho possível ao entrar, mas minha mãe despertou, dizendo que estava preocupada com minha demora. Dei um beijo de boa noite nela e fui dormir.

Tomei uma decisão imprudente, mas senti que precisava me aproximar de Joana, apesar de continuar corroído pela culpa. Depois de sair do trabalho, comer com minha mãe e tomar um banho quente, esperei dar o horário em que o supermercado do bairro fecha. Fui a pé até lá e esperei na saída mais perto de onde Joana mora. Sentei-me em uma mureta e esperei por uns quinze minutos. Aos poucos, os funcionários, todos usando o mesmo uniforme azul, foram saindo devagar, cansados. No meio deles, vi Joana. Por trás dela, toquei no seu ombro. Ela tomou um susto, mas me deu oi.

“O que tu tá fazendo aqui?”, disse Joana.

“Queria falar contigo.”, disse eu.

“Nesse horário? Agora?”

“Sei que não parece muito certo, mas cada um tem seu método de apoio e o meu é esse.”

“Hum, não sei, eu tô cansada, sabe? Não tô nem conseguindo pensar direito, foi um dia cheio.”

Chegando na esquina da rua, boa parte do grupo de funcionários se dispersou para o ponto de ônibus mais próximo, enquanto eu e Joana seguimos subindo a rua.

“Não tem problema, eu tô aqui só para gente se conhecer melhor.”

“Isso faz parte da terapia?”

“Sim, é como eu trabalho.”

“Se tu diz.”

“Olha, eu não posso imaginar o que é perder uma mãe, eu sou muito próximo da minha, eu ficaria completamente sem chão.”

“Eu tô me sentindo assim mesmo, sem chão.”

“É muito cedo ainda. Com o tempo, talvez infelizmente, a ausência e a dor diminuam.”

“Sim, eu perdi um tio que era próximo faz alguns anos, foi minha primeira perda grande.”

“Eu perdi meu pai, faz uns dez anos. Ainda lembro com carinho dele, mas na época achei que o mundo iria acabar.”

“Eu não conheci meu pai. Pelo menos tu teve chance de viver com ele.”

“Pois é, não troco por nada os anos que passei com meu pai. Tua mãe criou tu e teu irmão sozinha?”

“Sim, esse tio que falei às vezes ajudava com alguma coisa, mas minha mãe era meio conservadora, nunca levou ninguém pra dentro de casa.”

Chegamos à rua principal do bairro. Uma garoa começa a cair. Eu abro o guarda-chuva que trouxe e nós dois nos aproximamos para ficar debaixo dele.

“Tu também é meio conservadora?”

“Eu não, não muito, vou na igreja às vezes, ia com minha mãe, mas a verdade é que esse tipo de coisa fazia cada vez menos sentido pra mim. Só que agora que ela se foi eu tô passando todo dia na igreja para rezar um pouco.

“É natural a gente se apegar à religião num momento difícil como esse, faz o que tu te sentir mais confortável.”

“Sim, tô fazendo isso. Me preocupo muito com o Júlio também.”

“Teu irmão?”

“Isso, ele era muito apegado a ela. Ele se faz de forte, mas sei que tá sofrendo muito. Agora é só eu e ele.”

“É bom ter alguém com que contar, pelo menos, mesmo sendo pouco. Tu não tem mais família?”

“Aqui na cidade não, são do interior do estado e também gente muito simples, não teria como me ajudar.”

“Às vezes um telefonema já ajuda.”

“Sim, eu andei falando com uma prima que era mais próxima, mas sei que preciso passar por isso sozinha.”

“Acho que sim, mas ter um pouco de apoio também não faz mal.”

A chuva diminui e eu fecho o guarda-chuva. Vamos cruzar a esquina para começar subir o morro quando ela se detém por um instante.

“Foi aqui que encontraram ela.”

“É mesmo”, disse eu, tendo *flashes* do ocorrido e me segurando para não fazer alguma besteira.

“Como pode”, disse ela, “nem parar para prestar socorro, quanto tempo será que ela ficou desacordada no chão? Quantas horas, duas, três? É muita falta de humanidade.”

“Realmente é difícil de entender, mas tu tem que começar a superar isso, aos poucos.”

Ela concorda com a cabeça, mas percebo que ela não está convencida. Atravessamos a esquina e subimos a rua que leva à casa dela.

“Vamos falar de outra coisa, não quero chorar.”

“Tá bom. Tu tem namorado?”

“No momento não, namorei por cinco anos, achei que ia casar, mas ele me traiu e a gente terminou.”

“Deve ter sido um momento difícil também com toda a expectativa criada.”

“Foi, não quero ver mais o Fernando nem morto na minha frente. Homem é tudo assim.”

“Não precisa generalizar.”

“Tá demorando pra aparecer alguém que desminta isso.”

“Uma hora vai acontecer, eu te garanto.”

“É, tomara...”

Nós nos aproximamos da casa de Joana e eu desacelero o passo.

“Bem...”

“Então, tá, foi bom falar contigo, faz tanto tempo que não falo com mais calma com ninguém.”

“Tô aqui se precisar.”

Vou oferecer minha mão para um cumprimento, mas ela se aproxima e me dá um beijo no rosto. Fico surpreso e feliz, tento não aparentar. Vejo ela entrar na casa e desço o morro de volta. No caminho, passo pela esquina do atropelamento mais uma vez. Nesse momento, toda a felicidade pelo beijo se esvaiu. Faço o resto do caminho para casa taciturno. Por alguns instantes eu esqueço que fiz isso, mas quando volta, é como se o atropelado fosse eu.

Em casa, vou no quarto da minha mãe, vejo ela dormir calmamente. No meu quarto, tiro a roupa e me deito. É mais uma noite que custo a dormir. O corpo com vestido marrom, os cabelos espalhados pelo asfalto. É só fechar os olhos que as imagens aparecem. Preciso fazer alguma coisa sobre isso.

Foi mais um dia empurrado com a barriga. Eu tinha me prometido fazer alguma coisa, mas o fato é que me engano. Creio ter um desejo subterrâneo de que tudo seja esquecido e que a vida siga adiante, mas não sei bem se dá para chamar isso de desejo, é mais um estado de passividade, como se eu enfiasse a cabeça em um buraco e torcesse para que tudo se resolvesse sozinho.

O trabalho foi uma repetição nauseante do que venho fazendo nos últimos tempos. Tem dias que essa mesmice se torna insuportável e hoje foi assim. Estava mal humorado, fazendo o trabalho porcamente, olhando para o relógio a cada cinco minutos. Quando deu horário, agradei a deus, mesmo não acreditando nele, e peguei o ônibus lotado para casa.

Eu estava cansado, mesmo não tendo feito muita coisa. Foi um dia quente e abafado, eu só queria tomar um banho, passar umas horas no computador até dormir e esquecer um pouco de tudo. Depois do banho, no meu quarto, sentado na frente do computador, ouço minha mãe bater a porta.

“Fala, mãe.”

“Eu preciso que tu vá no mercado.”

“Agora?”



“Sim, amanhã de manhã tu não tem tempo e tá faltando algumas coisas para eu fazer meu almoço.”

“Não dá pra improvisar?”

“Não.”

“Não dá ou tu não quer?”

“Que diferença faz? Vai lá, por favor.”

“Olha, eu tô bem cansado, não tem como tu dar um jeito mesmo?”

“Por que tu não me obedece?”

“Tu é minha mãe, mas eu não sou mais criança, eu também mereço respeito.”

“Eu não tô te desrespeitando, é tu que tá fazendo isso comigo.”

“Olha, eu não vou, dá um jeito amanhã, ok?”

“Tu não serve pra nada mesmo.”

Ela tem um acesso de tosse.

“Não sirvo, é?”

“Só fica nesse computador.”

“Eu trabalho o dia inteiro, mal tenho tempo.”

“O tempo que tu tem tu podia passar comigo, mas tu não se interessa.”

“Quem não se interessa é tu, quando eu chego em casa tu tá vendo novela ou dormindo. Aliás, tu só faz isso.”

“Eu já ganhei a minha vida, tu tem muito chão pela frente ainda.”

“Tanto faz, mas chega. Eu já disse que não vou e o assunto tá encerrado. Não é questão de vida ou morte. Tu pode fechar a porta, por favor?”

Ela faz uma cara muito braba, dá um passo para trás e fecha a porta. Depois desse episódio com certeza ela iria ficar uma semana sem falar comigo, ficando emburrada, me ignorando e fingindo que está concentrada em um pensamento, quando na verdade está reunindo todas as suas forças mentais para demonstrar o quanto me odeia naquele momento.

Tentei esquecer do episódio e me volvei para o computador. Hoje vai ter um campeonato de xadrez no site onde eu e *Blackdog* jogamos. Decidi participar, acho que podia me distrair um pouco. O campeonato iria durar a semana inteira, é eliminatório e hoje é a primeira fase. Falei um pouco com meu amigo antes de entrar em uma partida e ele parecia estar motivado a ganhar. Fazia um tempo que eu já não estava me concentrando no xadrez, então não tinha grandes expectativas. Chegou a hora do confronto. Era um jogador da Hungria, eu comecei com as pretas. Ele começou com a abertura italiana e eu segui o padrão de como respondê-la. Em seguida ele fez a variação do gambito evans, e eu aceitei o peão dele. O meio jogo foi embolado, trocamos os cavalos e eu fiz questão de manter o par de bispos. De repente, cometo um erro bobo e perco uma torre. A partida está praticamente perdida. Insisto por alguns lances, mas vejo ele ganhando mais material, um peão e um bispo. Desisto no 35º lance. Estava fora do torneio na primeira partida.

*Blackdog* venceu a dele com facilidade, um jogador ainda muito principiante da Argentina jogou com ele. Terminada a partida, ele veio me consolar.

“Acontece, rapaz. Tu pegou um cara forte de começo, 2000 o rating dele, o teu é 1900”, disse ele.

“Mesmo assim, perder na primeira é muita humilhação“, disse eu.

“Não pensa assim, é só um torneio bobo.”

“Eu sei, mas eu tava precisando de alguma coisa para me distrair um pouco.”

“O que tá rolando?”

“Ah, eu já te disse que é melhor não falar.”

“Assim não posso te ajudar.”

“Eu sei, mas tenho receio.”

“Bom, tu que sabe, mas a gente nunca se viu, eu moro a mais de 1500 quilômetros de ti, nem o teu nome completo eu sei.”

“É verdade...”

“Então, não quer me contar?”

“Tá bom. Eu fiz uma merda gigante. Saí de casa de carro de madrugada e atropeliei uma pessoa sem querer. Eu não tinha bebido, mas tava distraído. Eu entrei em pânico e fugi.

“Ih, nem prestar socorro é sério. Por que tu não fez isso?”

“Eu não sei, na hora eu não tava pensando direito, só imaginei minha vida desmoronando, tudo que consegui fazer foi fugir.”

“Tu tem notícia da pessoa que foi atropelada?”

“Ela faleceu, era uma senhora, eu conheci a filha dela, mas não falei que fui eu. Um policial veio falar comigo também, mas não deu em nada.”

“É, tu vai responder criminalmente se te descobrirem.”

“Eu não sei o que faço, se vou lá e me entrego de uma vez ou se faço qualquer coisa pra escapar disso. O que tu faria?”

“Eu não sei, não é uma situação fácil. O certo é se entregar, é claro. Tu tem que fazer o que tua consciência pede.”

“É foda. Tu não vai contar isso pra ninguém, né? Se tu falar alguma coisa eu vou até Brasília e te mato, já que já matei uma pessoa.”

“Relaxa, tu tá seguro comigo.”

“Bem, foi bom falar isso pra alguém, é um peso que tô carregando faz alguns dias.”

“É complicado.”

Depois disso me despedi dele e fui dormir. Pela primeira vez em dias que consegui ter um sono decente. Sei que a culpa ainda pesa em mim, mas a tensão de manter esse segredo guardado está acabando comigo. Foi bom desabafar com alguém, mesmo que isso não sirva para nada.

Acordei de manhã cedo meio tonto. Ainda sonolento me arrastei até o banheiro e lavei o rosto. Fui em direção à cozinha para tomar o café quando me deparei com tudo no lugar que estava ontem e sem sinal de café feito, como acontece todos os dias. Minha mãe não acordou ainda? Estranho. Preparei um café instantâneo e comi um sanduíche de queijo. Passaram-se mais 15 minutos e nada de ela acordar. Fiquei encucado.

Decidi ir até seu quarto. Abri a porta e ela estava deitada na cama, de bruços. Observei-a por alguns segundos e pude notar que suas costas não se mexiam indicando o ritmo da respiração. Aproximei-me e pus minha mão sobre seu ombro esquerdo. Estava gelado. Fiquei assustado. Sacudi um pouco ela e pedi para que ela acordasse. Nenhuma reação. Tirei o cabelo de frente do seu rosto e notei os olhos vidrados e a boca mole. Não pode ser. Isso não pode estar acontecendo. Sacudi ela mais algumas vezes até ficar cansado. Chequei seu pulso ausente. Eu não podia acreditar.

Demorou mais de dez minutos para eu aceitar que minha mãe tinha simplesmente morrido em sua cama. Fui até à sala e liguei para a ambulância. Falei de modo meio pastoso pelo telefone que achava que minha mãe tinha falecido. Não

parecia eu falando aquilo, é como se eu me olhasse de fora, em terceira pessoa, fazendo essa ligação.

Voltei para o quarto e virei o seu corpo. O rosto inerte me causava um mal estar, por isso, cobri ela toda com o lençol branco que já estava na cama. A ambulância demorou mais de uma hora para chegar. Jamais vou conseguir descrever o que foi esse tempo ao lado do corpo da minha mãe até que os paramédicos chegassem.

Eu deveria estar chorando, quebrando as coisas de casa de tanta dor, mas no fundo eu me sentia anestesiado. Era como se nada disso estivesse acontecendo. A ambulância finalmente chegou. Foram até o quarto da minha mãe, com seus movimentos diretos e grosseiros. Ela foi colocada dentro de um saco azul marinho e transportada em uma maca até a ambulância, que estava com a sirene acesa no estacionamento do condomínio. Recebi uns papéis e fui avisado que deveria me dirigir ao Instituto Médico Legal. Quando o circo da ambulância se foi a casa ficou vazia e silenciosa. Olhei para a poltrona que ela tanto gostava, agora sem ela, fui até o quarto, a cama vazia com os lençóis torcidos. Voltei para a sala e me sentei no sofá. Eu não sabia o que fazer no momento. Tentei parar e botar minha mente em ordem.

A primeira coisa que fiz foi ligar para o trabalho comunicando o falecimento. Geraldo me mandou um abraço e perguntou se não queria que ele fosse até minha casa, eu gentilmente declinei, falando que precisava ficar um pouco de tempo sozinho. Fora isso, mandei uma mensagem para a síndica do condomínio esclarecendo a situação, que gerou alguma comoção com a chegada da ambulância. Liguei para algumas pessoas da família. Duas tias gêmeas, irmãs da minha mãe e um

tio, irmão do meu pai. Dar a notícia foi difícil. Ter que repeti-la a cada telefonema mais ainda.

Depois de realizar as tarefas voltei para o quarto da minha mãe e deitei em sua cama, que ainda tinha o cheiro dela. Passei o resto da manhã ali, entre o sono e a vigília, tendo *flashes* de lembranças atravessando minha mente. Ela me trazendo um copo de salada de frutas depois de eu tomar um banho de mar, quando eu tinha cinco anos. Ela se benzendo antes de a gente ir para o supermercado de carro. Ela ruminando uma melodia antiga enquanto pendurava as roupas no varal. Na hora do almoço, não comi, estava sem fome, é como se meu organismo estivesse encolhido. Depois de não conseguir mais dormir, comecei a mexer nas gavetas do quarto dela. Peguei o terço que ela sempre usava e guardei no bolso. Olhei algumas fotos antigas nossas, ela mais gordinha e jovem, meu pai com a camisa do Avaí, eu com uns 20 anos. Lembrei que precisava escolher sua roupa. Abri o armário e passei vestido por vestido, cada um lembrando de algum dia que passei com ela. Acabei escolhendo um que ela parecia gostar bastante, um vestido simples, azul marinho de corte clássico.

No meio da tarde, fui ao Instituto Médico Legal. Lá, recebi o Atestado de Óbito. Colocaram como motivo do óbito Acidente Vascular Cerebral. Com o atestado em mãos, fui até o cemitério do Itacorubi, que ficava ali do lado. Primeiro, tive que passar por um funcionário da prefeitura responsável por receber o atestado de óbito e encaminhar para uma funerária. Depois fui na administração do cemitério e conferi se ainda havia uma vaga no túmulo onde meu pai está enterrado. Estava tudo certo com relação a isso. Eu fazia as tarefas com calma e perplexidade, como se uma pessoa estivesse controlando minhas ações.

Na funerária, tive que escolher o caixão e os preparativos para o corpo. Entreguei o vestido azul marinho para o funcionário. Boa parte do que tinha conseguido com a venda do carro acabei gastando no caixão, no aluguel da capela e em taxas. Não achei o caixão escolhido bonito, mas era o que eu conseguia pagar com o dinheiro que tinha.

Terminados os trâmites burocráticos, me avisaram que o velório estaria pronto às 18 horas. Eu tinha um par de horas para passar e não queria pegar outro ônibus para voltar para casa. Encontrei uma lanchonete ali perto e tomei um café com um salgado. Meu corpo agradeceu, eu estava há quase um dia inteiro sem comer e o alimento novo me deu alguma energia para encarar a madrugada. Enquanto mexia no café com a colherinha, me lembrava de minha mãe picando o pão com as mãos antes de botar na boca e fazendo barulho quando tomava o café.

Às 18 horas abriram a capela para mim. Lá estava o caixão. Eu me aproximei de maneira lenta e medrosa. Até o último momento eu tinha a esperança de que fosse outro corpo deitado no caixão. Mas não. Estava lá o seu rosto agora amarelado, seco, duro, sem vida. Eu levantei o véu que me separava dela, tirei o terço do bolso e o botei em volta de sua mão. Apesar de eu não ter religião, eu respeitava as escolhas dela e achei que ela gostaria de partir com o terço em mãos.

A sala da capela não era muito grande, tinha no máximo umas 15 cadeiras. Mas não tinha problema, não iria vir muita gente. Eu me sentei em uma das cadeiras e fiquei observando o caixão, como se esperasse que algum movimento por parte dela acabasse com tudo isso e a gente pudesse ir para casa tomar um café e dormir.



As horas passaram-se lentamente e pouca gente apareceu. Renato, o meu amigo do trabalho, foi um deles. Esse tipo de situação não tinha nada a ver com nosso tipo de relação. É como se no nosso mundo ainda jovem, morrer fosse proibido. Mas lá estávamos, fui para a rua e conversamos por cinco minutos. Ele queria mostrar todas as suas condolências, mas aquilo era uma espécie de tortura para mim. Ter que reforçar que ela está morta, de que é um grande trauma, de que tudo é muito triste. Depois de um tempo ficamos sem assunto. Ele disse que não podia ficar, mas que apareceria amanhã no enterro.

Mais tarde meu chefe Geraldo apareceu. Ele estava emocionado e estranhou que eu não chorava. Aproximou-se do caixão. Conhecía minha mãe há pelo menos 30 anos. No começo ele estava toda hora lá em casa, meu pai e ele assavam churrasco no salão de festas do condomínio. Ele se sentou em uma cadeira perto do caixão e eu me sentei ao seu lado. Dava para ver que ele queria ser uma figura paterna para mim, percebeu que eu estava desamparado. Por mais que eu precisasse, eu resistia um pouco a isso. Eu já tinha 41 anos, minha relação de dependência com minha mãe foi uma construção de anos que agora eu começaria a deixar para trás, mas ele parecia querer ser um substituto por me conhecer há tanto tempo.

Ele queria conversar, lembrar dos momentos bons do passado, mas eu não conseguia. A situação toda me deixava em um estado de pouca energia e com a impressão de que demonstrar qualquer tipo de ânimo na frente dela fosse traí-la, ou seja, eu deveria sofrer ao máximo. Logo percebendo que não ia tirar muito de mim, Geraldo se despediu e prometeu estar amanhã cedo para o enterro.

Ninguém mais apareceu depois disso. Era o esperado, no enterro terá um pouco mais de gente, minhas tias e o resto do pessoal do trabalho, pelo menos, talvez algumas pessoas do condomínio. Deu meia-noite e comecei a ficar muito cansado. Eu sabia que não ia resistir ao sono em algum momento, mas não achei que desistisse tão cedo. Eu ia dormir por ali mesmo, sentado na cadeira desconfortável, apoiando os braços no encosto. Eu estava cansado, era como se minha energia tivesse sido sugada com tudo que aconteceu. Comi muito pouco também, o estômago não aceitava mais nada. Logo caí na escuridão do sono e só acordei em alguns momentos da madrugada, tonto pela luz branca e pelo cheiro de cravos que tomava conta da pequena capela.

Acordei com o funcionário da funerária repondo o café e as bolachas. No relógio, já era 7h30 da manhã. Fui no banheiro e lavei o rosto para me recompor. Na volta, ela estava ali, inerte. Eu ainda tinha a esperança tola de que algo pudesse acontecer. Sentei-me, comi umas bolachas e me preparei para a chegada das pessoas.

Os primeiros foram o pessoal do meu trabalho. Vieram todos juntos, acho que combinaram de se encontrar antes. Cada um me deu um abraço e um aperto de mão. Geraldo não saiu do meu lado e volta e meia botava a mão sobre o meu ombro. Fora eu, ele deveria ser o único que tivesse sentindo uma tristeza genuína.

Mais tarde, chegaram três vizinhas do nosso condomínio. Dona Joaquina, Ivete e Ângela. Não dá para dizer que eram amigas da mãe, mas mantinham aquela relação de camaradagem de se cumprimentar na volta para a casa e de fazer algum comentário sobre outro vizinho. A mais próxima era Ângela, uma mulher da idade da minha mãe, que também tinha perdido o marido e morava no condomínio desde que me conheço por gente. Com seus passos lentos, de quem tem alguma lesão crônica no quadril, ela veio e me deu um abraço longo. Não sei o quanto ela gostava da mãe ou o quanto estava apenas sendo educada.

Por último, chegaram os familiares, que eram minhas duas tias gêmeas, irmãs da minha mãe, que moram em Rancho Queimado, uma pequena cidade no interior da Grande Florianópolis. Elas estavam bastante emocionadas, mesmo não tendo visto minha mãe já faz alguns anos. Elas mantinham algum contato por telefone, mas a distância era marcada por algumas brigas do passado sobre herança familiar.

Às 8h30 chegou o padre. A funerária me ajudou entrando em contato com ele. Ele me cumprimentou, perguntou pelo nome da falecida e começou um curto sermão em frente ao caixão. "Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado, porque você é pó e ao pó voltará", ele disse. A cada nova etapa da cerimônia eu via minha mãe indo embora aos poucos. Foi então quando fecharam o caixão que eu chorei pela primeira vez.

Eu, Geraldo e minhas tias carregamos o caixão até o carrinho. Eu soluçava. Depois fui empurrando o caixão pelas vielas do cemitério. O chão era feito de pedrinhas que estralavam em atrito com as rodas de metal do carrinho. É um barulho que nunca vou me esquecer. O sol estava forte e olhar para baixo me dava um pouco de tontura.

Chegamos a uma parte do cemitério em que o carrinho não conseguia passar, por isso tivemos que levar o caixão nas mãos até o túmulo. Eu ergui uma ponta do caixão e Geraldo a outra. Minha mãe era magra, mas mesmo assim o peso do caixão de madeira era considerável e tivemos que parar algumas vezes no estreito caminho para recobrar as forças.

Quando chegamos ao túmulo lá já estavam os coveiros, que de chinelos e bermuda pareciam mais pescadores manezinhos. A cova de concreto estava aberta e

havia um saco azul de ossos do meu pai depositado no canto. Devagar os coveiros desceram o caixão e algumas pessoas jogavam flores sobre o túmulo. Eu não conseguia. Era como se eu não estivesse lá. Depois disso, um dos coveiros colocou as placas de concreto por cima do caixão, as cimentou e então depositou o tampo do túmulo no lugar original. Minhas tias pegaram as coroas de flores que estavam na capela e botaram por cima do túmulo. Ficamos em silêncio por um minuto, minuto esse mais longo da minha vida e nos distanciamos devagar da minha mãe.

Já na frente do cemitério as pessoas vieram me cumprimentar pela última vez. Geraldo disse que eu tinha uma semana em casa para arejar um pouco a cabeça. Minhas tias se ofereceram para ficar alguns dias na minha casa, mas eu recusei educadamente, dizendo que precisava ficar um pouco sozinho nesse momento. Quando não sobrou mais ninguém me dirigir ao ponto de ônibus e esperei a volta para a casa. Tive uma sensação forte de culpa por tudo que aconteceu, mesmo não tendo sido eu o responsável pela morte dela.

Em casa, me senti morto. Fui até o quarto da mãe e me deitei em sua cama, que ainda tinha um pouco do cheiro dela. Nesse instante, eu não conseguia parar de chorar baixinho. Veio na minha mente a música antiga que ela sempre cantava. Quando será que ela aprendeu a cantar essa canção? A minha vó, que mal conheci, é que deve ter ensinado a ela. Quantas coisas minha mãe sabia e que eu não vou poder ter mais contato? A cidade em que ela cresceu era outra, praticamente uma vila, um lugar que eu nunca mais vou saber como era. Não ouvirei mais ela contando suas memórias da juventude, indo a bailes e fazendo rendas. Acabou tudo.

Levanto-me e abro seus armários a procura não sei direito do quê. Entre suas roupas, acho um santinho muito antigo que ela guardava, um santinho com a imagem de Fátima com o nome da minha mãe escrito a caneta. Pego ele e guardo na minha carteira. Dou-me conta de que todas as coisas que eram automáticas e rotineiras do meu dia vão sumir. No terei mais os cafés de manhã, a compra do pão na volta do trabalho, as conversas ao chegar em casa, os almoços no final de semana, todo o cuidado que ela tinha comigo mesmo eu já sendo um adulto.

Sento-me no meu quarto, tento pensar em outras coisas até que começo a cair na real. Não sobrou muita coisa na poupança da venda do carro, a pensão que minha mãe ganhava da morte do meu pai vai ser cortada e eu vou ter que viver exclusivamente do salário que ganho. Apesar de não precisar pagar aluguel, só as contas da casa como condomínio, luz e internet dão mais da metade do meu salário. Eu ainda teria que me alimentar, me transportar e ver se sobraria alguma coisa para o lazer. Mas o pior é que eu não tenho garantido se terei meu emprego no ano que vem. Eu precisava dar um jeito de reverter as coisas no trabalho e ficar com meu posto depois que Geraldo se aposentasse.

Fiz poucas coisas durante essa semana de luto. Precisei sair para resolver questões burocráticas do falecimento da minha mãe, mas fora isso fiquei paralisado em casa. Praticamente troquei a noite pelo dia, porque não conseguia dormir direito. Deitava-me na cama, rolava de um lado para outro, desistia já perto de amanhecer e então decidia levar travesseiro e lençol para o quarto da minha mãe. Eu tinha a sensação de que ficar nesse quarto me deixava mais perto dela. Confesso também que sentia um leve medo de abrir o quarto na penumbra, durante a madrugada e ter que encarar o lugar onde minha mãe deixou a vida.

Comecei a frequentar o cemitério diariamente. Eu esperava o sol baixar no final da tarde e ia de bicicleta até o túmulo dela. Sentava-me na pedra cinza, ainda quente do sol e acariciava as letras recém colocadas com seu nome. Meu momento com ela se resumia a uma conversa. Lá, ela ainda estava viva. Falava de quantas saudades sentia, de como tinha sido meu dia, da falta de fazer as tarefas para ela e sempre me emocionava de quando lembrava de nossas pequenas coisas. Não sei se vai ser possível manter esse hábito de ir ao cemitério todos os dias depois que eu voltar à minha rotina, mas ir até lá passou a ser uma necessidade para amenizar a saudade e botar um pouco a tristeza para fora.

Chegou o final de semana e faltavam alguns dias para eu voltar ao trabalho. De súbito, decidi mandar uma mensagem para Joana. Eu pensava menos no atropelamento, mas a culpa ainda me consumia. Imaginei que hoje era dia de folga dela e estava certo. Falei que algo sério tinha acontecido comigo e queria saber se poderíamos nos encontrar. Ela topou. Pedi para nos encontrarmos no CIC, o Centro Integrado de Cultura, que fica no nosso bairro.

Combinamos de nos encontrarmos às 14 horas. Eu estava com um pouco de sono de ter dormido mal, como tem sido todos os dias, e fui a pé pela Lauro Linhares em um sol forte de verão batendo na cabeça. Cheguei lá vinte minutos depois, meio suado e ofegante, pensei que deveria ter pego um ônibus.

Sentei-me na calçada em frente à fachada do CIC e esperei por Joana. Cinco minutos depois ela apareceu. Nos cumprimentamos com um beijo e ficamos alguns segundos olhando um para o outro sem saber o que dizer.

“E então, o que tu queria me contar?”, disse ela.

“Vamos entrar, eu preciso andar um pouco enquanto falo”, disse eu.

Entramos no CIC, atravessamos os corredores e decidimos ir no museu de arte. Não havia nenhuma exposição em particular, apenas o acervo da casa com artistas brasileiros, em especial de Santa Catarina.

Avançamos o primeiro corredor e olhávamos as obras sem muita atenção.

“Aconteceu uma coisa comigo”, disse eu.

“O quê?”

“Na verdade não foi comigo. Foi com a minha mãe. Ela se foi, faleceu no começo da semana.”



“Nossa, eu sinto muito, o que houve?”

“Eu não sei direito. Eu acordei e ela estava morta na cama, a suspeita foi de AVC... agora eu sei como tu se sente.”

“É, é difícil, eu tô começando a me acostumar agora, mas tem dias que ainda choro.”

“Sim, estou sofrendo bastante.”

“Eu não sou psicóloga, tu entende mais do que eu, mas acho que o melhor a fazer é não reprimir os sentimentos. Se tu tiver com vontade de chorar, chora.”

“Tenho vergonha de fazer isso na tua frente.”

“Por quê?”

“Não sei.”

“Vem cá.”

Nos abraçamos, eu choro lentamente em seu ombro.

“Não é justo, ela tinha ainda muitos anos pela frente.”

“Sim, eu também acho que com a minha foi muito injusto.”

“Sim, a tua foi mais ainda.”

“Mas eu tô tentando me desprender, sabe?”

“Ainda é muito cedo pra mim.”

“Com certeza, não tô te cobrando isso.”

Paramos em frente a um quadro. É o retrato de uma senhora com uma paisagem urbana colonial ao fundo. As cores são pasteis e a composição é baseada em geometrias. É de um pintor paulista de origem italiana. A senhora no quadro

lembrava um pouco a minha mãe, ou talvez eu estivesse obcecado com a sua figura e a visse em todos os lugares.

“Como era a tua mãe?”, ela me pergunta.

“Um pouco parecida com essa mulher do quadro. Cabelos castanhos pintados, a pele já um pouco enrugada, nem muito magra, nem muito gorda. Era bem séria e preocupada com as coisas, era bastante ativa, não queria ficar acomodada. E a tua, como era?”

“Ah, minha mãe era uma guerreira. Criou eu e meu irmão sozinha, o parceiro abandonou ela quando eu ainda era criança, eu nem lembro do meu pai. Ela tinha o cabelo bem preto como o meu, era brincalhona e eu adorava a comida dela. Nos últimos meses, a gente tava almoçando juntas todo dia porque ela tinha mudado de emprego e tava trabalhando com serviços gerais em um hospital de noite. Foi na volta do trabalho que pegaram ela, inclusive. Que saudade de comer a comidinha dela, tu nem sabes...”

“É, é das pequenas coisas que a gente sente falta. Eu acho que nunca vou me recuperar.”

“Olha, eu também tava me sentindo assim semanas atrás, mas a verdade é que a gente se adapta. Eu já tô melhor e aposto que tu também vai ficar.”

“Não sei...”

Ficamos em silêncio por algum instante e chegamos no final da exposição.

“Posso te fazer uma pergunta?”, disse ela.

“Sim.”

“Tu trabalha mesmo na ONG?”

Sinto que fui pego, fico nervoso e tento manter a mentira, mas não consigo.

“Não. Eu menti. Eu queria te conhecer.”

“Eu suspeitava disso, achei muito esquisita essa história de ONG.”

“Eu te vi um dia no supermercado e quis saber mais de ti. Achei teu endereço pela internet.”

“Entendi, seu *stalker*.”

“Não me leva mal, eu sou inofensivo, eu juro.”

“Tudo bem, eu tô brincando. Eu gostei que tu veio atrás de mim, às vezes eu sinto que sou invisível, ninguém liga pra mim.”

“Eu ligo.”

Pego na mão dela. Paramos no meio de um dos corredores do CIC. Tremendo, beijo-a. Ela aceita e ficamos assim por alguns minutos. Saimos do CIC e nos sentamos na rua para pegar um pouco de sol. Eu não acreditava que aquilo estava acontecendo. Sentia um misto de vergonha e felicidade. Ficamos mais um pouco ali até que nos despedimos e cada um foi para sua casa. Deslumbrado, consegui esquecer a morte da minha mãe por alguns instantes.

Saí mais algumas vezes com Joana depois disso. Foi o único respiro que tive nesse momento difícil que vivia. Passados alguns dias também voltei ao trabalho, mas eu estava imprestável. Não conseguia me concentrar direito, cometia muitos erros de digitação e esquecia informações importantes. Geraldo fez vista grossa porque entendia a situação e esperava que eu melhorasse logo. Eu simplesmente não tinha cabeça para voltar à minha vida normal, por mais que fosse vital me manter nesse emprego.

Faltava menos de um mês para o Geraldo se aposentar. Eu precisava de um jeito para me manter aqui. Talvez tomar iniciativa e assumir mais responsabilidades do que apenas a de digitador. Talvez eu pudesse acumular os serviços do estagiário e ele ser dispensado. Não é muito justo com ele, eu sei, mas era isso ou passar fome.

O expediente acabou e eu agradei mentalmente, pois não estava mais aguentando ficar naquele ambiente fingindo que eu era funcional. Arrumei minhas coisas e desci com Renato até a área aberta do campus. Conversamos um pouco até cada um tomar o seu rumo para casa.

“E aí, cara, como é que tu tá?”, disse ele.

“Sei lá, como tu acha? Tô que nem uma barata tonta.”

“É foda, acho que vai demorar ainda até tu se acostumar com essa nova situação.”

“Eu tô com medo, cara.”

“Do quê?”

“Não sei, sinto que minha vida está desmoronando.”

“Como assim?”

“Ah, primeiro acontece isso com minha mãe, agora sinto que estou prestes a perder o emprego.”

“Eles não vão te despedir sabendo o que aconteceu contigo.”

“Acho que isso não acontece só enquanto o Geraldo estiver aqui. Depois que ele sair e o novo chefe assumir no começo do ano que vem, com certeza ele não vai ser sensível aos meus problemas e vai pensar na melhor maneira de gerir o setor. Eu sei que sou um braço fraco aqui dentro.”

“Vamos dar um jeito nisso?”

“Como?”

“Amanhã tu diz para o Geraldo que quer assumir mais tarefas.”

“Eu pensei em algo parecido com isso, pensei de aos poucos tomar o lugar do estagiário.”

“Vais roubar o emprego do pobre rapaz?”

“Infelizmente, sim.”

“Não sei se vai funcionar.”

“É, não é uma ideia muito boa, mas é a única que consegui ter até o momento.”

“Cara, espera alguns dias passar, tu ainda tá claramente abalado com a morte da tua mãe, o que é compreensível.”

“Eu sei, mas já tô melhorando, até tô saindo um pouco.”

“Ah, é, que bom. O que tu anda fazendo pra se distrair?”

“Eu conheci uma garota.”

“Massa, nunca tinha ouvido tu falar de mulher, até achei que tu fosse gay.”

“Sai fora, meu.”

“Tô brincando. Conheceu ela como?”

“Pela internet.”

“Saquei, conheci minha namorada assim também. Bom, isso é uma ótima notícia, pelo menos tá distraindo um pouco a tua cabeça.”

“É, parece bom, a gente já saiu algumas vezes, mas tem algo muito esquisito acontecendo por debaixo dos panos.”

“Ah, é, o quê?”

“Não posso te falar.”

“Como assim, a gente é amigo, eu nunca deixei de te contar nada.”

“É uma parada séria, eu não posso, senão te contaria.”

“Tá esquisito isso, hein.”

“Eu não deveria ter mencionado esse assunto.”

“Tu cometeu algum crime, foi?”

“Podemos dizer que sim, mas não vou falar nada a mais do que isso.”

“Tu tá enrascado?”

“Por enquanto não, mas tô preocupado e me corroendo de culpa.”

“Fala logo o o que que é, cara.”

“Não posso, desculpa.”

“Achei que a gente fosse mais próximo.”

“Nós somos, mas não dá.”

Chegamos na rótula da Trindade. Renato vai para o ponto de ônibus que leva para o Centro e eu volto a pé para casa. Tenho o reflexo de comprar um pão para levar para minha mãe, mas um segundo depois lembro que ela não está mais aqui e é como se ela tivesse morrido de novo naquele instante. Passei o resto do trajeto melancólico, olhando as pessoas voltarem apressadas para casa, enquanto eu tinha a vontade de postergar ao máximo meu retorno para não ter que encarar o vazio do meu lar.

Mais uma semana terminou e depois de me arrastar no trabalho, decido ficar o final de semana sozinho em casa. Não tenho vontade de fazer nada a não ser passar a tarde revisitando fotos antigas da família, em especial de minha mãe. Estou deitado no sofá da sala com álbuns de fotos ao meu lado no chão, quando de repente tocam a campainha. Tomei um susto, quem poderia ser? Nunca recebo visita, quase ninguém sabe onde moro, fiquei preocupado que pudesse ser o policial novamente.

Vou até a porta e observo pelo olho mágico. É Joana. Abro desconcertado.

“Oi, tudo bem?”, disse ela.

“Oi, tudo, o que tu tá fazendo aqui?”, disse eu.

“Vim ver como tu tá.”

“Eu tô bem. Como tu sabe onde eu moro?”

“Tu me falou uma vez qual era o condomínio que tu morava, não lembra? Eu só precisei perguntar ali na frente qual era o teu apartamento.”

“Entendi. Entra.”

A casa estava uma bagunça. Minha mãe é que deixava tudo em ordem, eu sempre fui preguiçoso para fazer faxina e ainda não me adaptei a ter que cuidar do



apartamento sem ela. Corri e catei as peças de roupas jogadas no chão e as joguei para dentro do meu quarto.

“Não precisa se incomodar, eu não ligo.”, disse ela.

“Que vergonha.”

“Não te preocupa.”

“Senta.”

Nós dois sentamos no sofá da sala. Eu peguei os álbuns de fotografias e botei de volta no armário. Joana, contudo, me detém.

“Que fotos são essas?”

“Fotos de família, da minha mãe.”

“Posso ver?”

“Pode.”

Ela pega um dos álbuns e examina foto por foto.

“Onde é isso?”

“Em Minas. Foi a última viagem que a gente fez quando o pai era vivo ainda.”

“Tua mãe era bonita.”

“Era mesmo, aí ela tá jovem, faz uns 15 anos.”

Passamos mais algum tempo vendo as fotos. Nossos braços se encostam. Penso em beijá-la, mas não sei como, minha timidez cria uma barreira entre nós dois. Sinto que ela percebe minha dificuldade, mas não faz nada com relação a isso. Levanto-me, vou para a cozinha e preparo um chá para nós dois. Voltando para a sala com as xícaras na mão, sento-me novamente ao lado dela e temos dificuldade para engatar

uma conversa, mesmo eu tendo consciência do interesse dela por mim, só pelo fato de ter aparecido em meu apartamento.

“Como tu tá se sentindo?”, disse ela.

“Ah, tô meio mal ainda, né. Ir para o trabalho distrai um pouco, mas ainda tô meio perdido.”

“É, eu também fiquei assim umas semanas atrás. Mas acredita em mim, aos poucos melhora, mesmo que devagarzinho.”

“É, espero que sim, mas não consigo ver muita coisa na minha frente no momento.”

Ela bota a mão sobre a minha.

“Eu tô aqui se precisar, é difícil passar por isso sozinho, eu pelo menos tenho meu irmão para dividir a tristeza.”

“Obrigado.”

Sinto que ela quer um afeto maior da minha parte. Está demonstrando por alguns sinais. Mas simplesmente não consigo. Levanto-me e começo a andar sem rumo pela sala.

“Tá nervoso?”, disse ela.

“Não, eu sou assim mesmo, inquieto.”

“Vem cá.”

“Por quê?”

Era evidente. A culpa é que estava me impedindo de me aproximar dela. Sinto que sou uma pessoa horrível. O que estou fazendo? Sento-me novamente ao seu lado. Ela faz um carinho na minha cabeça. Para não provocar uma ruptura, eu deixo me

levar. Logo, começamos a nos beijar. Os álbuns de fotografia e xícaras de chá ficam de lado e deitamos no sofá da sala. A sensação que tenho é que ela veio para cá só para isso, não para saber como estou. Mas não a culpo. Comecei a me sentir muito sozinho depois que minha mãe se foi. Ela deve estar sentindo a mesma coisa. Continuamos enroscados um no outro alternando momentos de intensidade e beijos, com de leveza e carinho.

Ela então tira a sua blusa azul. Faz quase dez anos que não faço sexo, não sei se digo algo para ela, mas começo a ficar nervoso.

Tento aparentar estar normal. Estamos nus, deitados um sobre o outro no sofá e ela me pergunta se eu tenho camisinha. Eu disse que não. Ela achou esquisito, mas falou que estava preparada e tinha uma. Coloquei-a. Ela sentou em cima de mim e começamos. Meu corpo todo estava muito sensível, não demorou muito e eu gozei. Fiquei muito envergonhado, não durei nada e ela deve ter se decepcionado, mas pelo menos não aparentou. Deitou-se sobre mim e fiquei sentindo seu corpo suado oscilando a respiração.

“Fazia tempo que eu não fazia”, disse ela.

“Eu também não, desculpa.”

“Não precisa se desculpar, tava bom.”

Ficamos deitados por alguns minutos, em silêncio. De repente, noto que ela está chorando baixinho.

“O que foi?”

“Nada.”

“Fala.”

“Nada. Só lembrei da minha mãe. Esse atropelamento, que coisa estúpida.”

“É mesmo.”

“Tu consegue imaginar alguém tão monstruoso assim para fazer uma coisa dessas? Ela era uma senhora de idade.”

“É horrível mesmo.”

“Se fosse tu, tu não faria algo a respeito, parar para ajudar, se entregar para a polícia, dar uma satisfação à família?”

“Eu.. eu acho que sim.”

“Acha?”

“Sim, eu faria algo.”

Ela me olha com o semblante muito sério por alguns segundos. Por determinado momento tenho a impressão de que ela sabia e talvez fosse tudo um jogo. Eu achei que estava no controle da situação, mas ela está me operando desde o começo. Não sei se estou ficando louco ou imaginando coisas. Ela volta a pousar a cabeça sobre o meu peito. Seus cabelos negros se espalham sobre mim, assim como os cabelos de sua mãe se espalharam sobre o asfalto.

Ficamos um tempo nessa posição até que adormecemos. Quando acordamos já estava escuro. Ela falou que precisava ir, nos despedimos, mas não nos beijamos. Algo de estranho pairava no ar. Talvez ela soubesse mesmo. Não sei, me sinto perdido.

Faltei o trabalho por alguns dias. Sentia-me mal a respeito da minha mãe, não tinha ânimo para nada e as coisas ficaram estranhas entre mim e Joana depois daquele dia aqui em casa. Eu sabia que estava complicando muito minha vida ao fazer isso, o trabalho era minha única garantia de uma vida não tão apertada, mas eu não conseguia. Eu não sei dizer o que estava acontecendo comigo. Talvez fosse depressão, o que era o mais provável, pois eu me sentia sem nenhuma energia e vontade de viver. Ligaram do trabalho para o meu celular algumas vezes, mas eu não atendi a nenhuma delas. Eu não tinha muito dinheiro no banco e passei esses dias vivendo com o mínimo possível, comendo pouco, gastando pouca energia elétrica, pouca água, passando a maior parte do dia sentado no sofá olhando para a poltrona que minha mãe tanto gostava.

Perdi noção do tempo, não sei quantos dias se passaram. Só sei que em determinado momento, já no começo da noite, bateram na minha porta. Seria Joana de novo? Ou o policial? Olho no olho mágico e vejo meu chefe Geraldo com as mãos nos bolsos. Por determinado momento penso em fingir que não tem ninguém em casa, mas a luz da sala está acesa, então não teria como enganá-lo. Arrependido, abro a porta devagar.

“Oi, Geraldo.”

“Márcio. Tá tudo bem contigo? Tá todo mundo preocupado.”

“Entra.”

Eu me sento no sofá mais uma vez e ele se senta na poltrona da minha mãe. Não falo nada, mas fico irritado com o desrespeito.

“Então, me diz o que tá acontecendo. Tu não atende o telefone, sumiu do trabalho. A gente pensou o pior até.”

“O que, que eu tivesse me matado?”

“Alguma coisa do gênero, ou um acidente dentro de casa. Por que tu fez uma coisa dessas?”

“Eu não tô em condições.”

“Condições de quê?”

“De botar a cara na rua. Eu não consigo.”

“Olha, o falecimento da tua mãe é realmente um fato muito triste, mas tu tem que seguir adiante. A vida não pode parar.”

“Eu sei. Eu tô triste, mas não é só isso.”

“O que houve?”

“Prefiro não falar.”

“Assim não posso te ajudar.”

“Eu sei, mas não dá.”

“O que eu posso fazer pra te ajudar, então?”

“Nada.”

“Nada? Tu vai continuar assim? Olha eu não posso te segurar mais muito tempo no trabalho, tu vai ser desligado por abandono.”

“Eu vou ver o que posso fazer.”

“Márcio, eu te conheço desde que tu era criança. Eu me sinto responsável por ti depois que teu pai se foi e agora tua mãe. Mas eu não posso substituir eles. Tu já tem mais de 40 anos e tu se comporta como um adolescente ainda. Tu tem que tomar um rumo na vida. Tu já tem pouca coisa, um emprego muito simples, se tu perder ele tu não tem mais nada.”

“Eu sei, mas eu me sinto paralisado.”

“Tu tem que assumir a responsabilidade pra ti. Tua mãe te protegia muito, isso te atrasou. Eu também tive uma mãe superprotetora, mas quando eu me formei e engravidei a Gabriela eu vi que era o momento de tomar as rédeas da situação. Parece que tu não teve esse momento, tu não amadureceu.”

“Nossas gerações são diferentes.”

“Sim, eu acho a geração de vocês muito mais acomodada, muito mais egoísta. Antes a gente tinha um caminho claro a percorrer. Agora vocês são muito mais individualistas, não cedem quase nada.”

“Isso não é verdade.”

“Tu é um exemplo nítido disso.”

“A vida mudou, as prioridades mudaram, ter uma família não é algo tão óbvio quanto era décadas atrás.”

“Tu não pretende casar e ter filhos, então? Como fica o futuro?”

“Eu não sei, mas eu não tenho condições de cuidar de alguém para o resto da minha vida.”

“Ninguém tem, tu tem que parar de ser tão autocentrado e entender que tem experiências na vida que são comuns a todas as pessoas.”

“Eu não vou ter filhos e não sei por que a gente tá tendo essa conversa, não tem nada a ver com o que eu tô passando.”

“Tem a ver, sim. A gente tá falando do teu amadurecimento. Formar família é o caminho natural depois de terminar os estudos e conseguir um emprego. Tu viveu em função da tua mãe, ajudando e sendo ajudado, e não seguiu em frente. Agora é a hora. Tu tem que assumir as responsabilidades, mostrar quem tu é na vida.”

“Nem todo mundo vive da mesma forma. Tu tem que aceitar isso. Eu tô bem sozinho. Eu não quero ter família, eu só quero viver a minha vidinha.”

“O tempo cobra a conta, Márcio. Tu vai ficar velho e sozinho. Isso se chegar até lá. Se perder o emprego vai começar a ficar com a situação muito complicada.”

“Tá bom. Eu vou pro trabalho amanhã. Eu vou fazer o que me pedem. Só não vou ter a vida que todo mundo tem porque supostamente isso é o certo. Nem todo mundo é igual.”

“É um começo. Eu tô preocupado contigo, guri. Desculpa ser tão duro assim, mas às vezes a gente precisa. Falando nisso, tás precisando de alguma coisa?”

“Não, tá tudo bem.”

“Tô vendo que a casa tá suja, tens que viver em um ambiente limpo, é pra tua saúde. Agora não tem mais ninguém para te dar tudo na mão, tem que se virar.”

“Sim, eu tô me adaptando ainda.”



Geraldo se levanta e eu me levanto junto com ele.

“Tô aliviado de ver que não aconteceu nada de mais sério... eu vou indo.”

“Tá bom, obrigado pela visita.”

“Te vejo amanhã?”

“Sim, amanhã apareço no trabalho.”

Geraldo me abraça forte e vai em direção à porta. Eu abro para ele, fico sozinho e me sento novamente no sofá. Sentia-me contrariado. Não queria aceitar o que ele dizia, mas sabia que alguma parte do que foi falado era verdade. Eu precisava assumir as rédeas da minha vida.

Retornei ao trabalho, mas é quase como se não tivesse voltado. Foram dias pouco produtivos. Batia o ponto e ficava quieto no meu canto, torcendo para não ser percebido. Havia um acordo tácito entre mim e o resto dos funcionários. Todos sabiam que havia algo de errado comigo e o melhor era me deixar quieto. Eu não sei até quando isso iria durar e de que forma isso iria me prejudicar, mas eu não estava em condições de agir naturalmente e precisava de alguns dias para pelo menos me adaptar à vida normal.

A culpa pelo atropelamento e o luto pela minha mãe me consumiam. De alguma forma, era como se um alimentasse o outro, pois só depois de eu ter perdido a minha mãe é que pude de fato ser empático de verdade ao sofrimento de Joana. Antes era apenas a dor do outro. Agora, é um vazio que eu também sinto e que, o pior de tudo, foi provocado por mim. Eu deveria fazer alguma coisa a respeito. Estar com Joana era quase pornográfico. Esses pensamentos tomaram conta de mim durante os momentos de trabalho.

Depois do expediente, quando voltava para casa, passando pela área pública do condomínio, fui chamado de uma janela.

“Ô, Márcio, meu querido, vem cá.”

Era Dona Ângela, uma das vizinhas amigas da minha mãe, que foi ao velório prestar os seus sentimentos.

“Como tu tá, menino?”

“Tô levando, né. E a senhora, como tá?”

“Eu tô bem. Devagarinho, convivendo com minhas dores. Mas olha só, tô preocupada contigo, faz semanas que não te vejo passar por aí.”

“É, fiquei um pouco em casa.”

“Meu filho, não fica assim, a vida tem que seguir adiante. Eu sei que tu era um grude com tua mãe, mas cada um tem seu tempo e o dela chegou, daqui a pouco é o meu. Tu é jovem ainda.”

“Eu sei...”

“Eu sou só uma velha, mas se tu precisar de alguma coisa pode me chamar, tá? Eu não sou tão boa quanto tua mãe, mas posso quebrar um galho dependendo do que for.”

“Que isso, dona Ângela, não precisa fazer isso. A senhora tem seus próprios problemas.”

“É verdade, mas a gente tem que se ajudar.”

“Tá bom, pode contar comigo também.”

“Eu sou muito sozinha, sabe. Perdi meu marido faz muito tempo.”

“Eu posso visitar a senhora qualquer dia desses.”

“Eu adoraria, meu querido. Bom, não vou te segurar mais, tu deve tá cansado do trabalho. Vai para casa, vai.”

“Tá bom, obrigado.”

“Rezo todo dia pra tua mãe, pra ela encontrar a luz, o caminho dela. Foi uma morte tão repentina, uma tristeza.”

“Eu te agradeço, dona Ângela.”

Chego no meu apartamento, largo minhas coisas no quarto e vou para a cozinha. Contudo, fico parado, não sabendo direito o que fazer. Não tenho fome nenhuma, não venho tendo nessas últimas semanas, acho que emagreci um bocado, devem ter notado. Sempre tive bastante apetite, não estar com vontade de comer me é bastante estranho, fico preocupado com o fato de talvez estar adoecendo. Mas acho que é só depressão mesmo.

Passei o resto da noite na frente da TV, mas não prestando a atenção em nada. Eu não gosto de assistir televisão, mas a sensação de que estou inerte, de que o tempo não passa e a presença das memórias me eram pesadas demais, então tentei me distrair um pouco.

Chegou a hora de dormir, mas eu não tinha nenhum sono. Virei na cama por algumas horas, troquei de travesseiro, tirava e botava coberta, nada. Às duas da manhã desisti e me levantei. Liguei o computador e abri o site de xadrez. Comecei a jogar algumas partidas. Perdi todas. Não conseguia me concentrar. De repente, *Blackdog* entra. Jogamos um par de partidas juntos e novamente perco todas.

“Não estás muito inspirado hoje.”, disse *Blackdog*.

“Faz algumas semanas que tô assim.”, disse eu.

“Não consegue dormir também?”

“Não, minha cabeça não para.”

“Também tô com dificuldade.”

“Tá acontecendo alguma coisa contigo?”

“Nada demais, só o vazio da vida. Basicamente alterno entre trabalho e casa e sempre na frente do computador.”

“Eu sentia isso com bastante frequência também, agora que aconteceram essas coisas na minha vida tudo parece tão menor. Eu só não queria ter me distraído naquela noite e só queria também não ter aberto a porta do quarto da minha mãe.”

“É foda, sei que tô reclamando com a barriga cheia.”

“Não tá, eu entendo tua situação, é uma falta de sentido, como um apocalipse suave, acho que tem alguma coisa a ver com o jeito que gente da nossa idade vive.”

“É, pode ser. Como tu tá com essas coisas todas?”

“Eu tenho passado dias bem complicados. Faltei ao trabalho um tempo, quase fui demitido, o pior é que eu me envolvi com a filha da senhora que atropeliei, tô todo enrolado.”

“Tua situação só parece ficar cada vez pior. Tu tem que fazer alguma coisa a respeito disso.”

“Eu sei.”

“Tu vai ter que encarar a realidade em alguma hora.”

Ao ver essa linha escrita na tela, me bateu um desânimo maior. Isso que eu nem falei sobre minha mãe. Não respondi a ele e desliguei o computador. Já era quase cinco da manhã, era melhor que eu não tentasse mais dormir. Passei o tempo deitado na cama, olhando para o teto, até dar o horário de me arrumar para o trabalho. Com certeza seria mais um dia improdutivo. Por um motivo que ignoro, pensei em dona Ângela e o fato de que nunca vou visitá-la.

Foi um dia complicado no trabalho. Eu estava pior do que nas últimas semanas. Já tinha passado tempo o suficiente para me recuperar, mas não reagia. Eu tomava xícaras e xícaras de café e praticamente dormia na frente do teclado. Geraldo me olhava longamente, a um ponto de me repreender e falar para eu ir para a casa. Eu olhava de volta para ele e tentava demonstrar que aguentava o tranco. Do pouco trabalho que tive, precisei refazê-lo pelo menos umas quatro vezes devido a quantidade de erros de digitação. Renato também olhava para mim, num misto de pena e de vergonha alheia. Quando finalmente deu o horário do almoço eu agradei ao deus que não acredito pelo intervalo e desci para a rua. Meu plano era comer rapidamente e tirar um cochilo debaixo de uma das árvores da praça Santos Dumont.

Foi o que fiz. Almocei sem o Renato, mal comi, porque não tinha fome, e fui em direção à praça. Tive a impressão de que alguém me seguia no caminho, mas não vi ninguém. O sol castigava e eu tentava andar entre as sombras. A praça mal cuidada, estava vazia. Avancei em um dos gramados, me encostei em uma das árvores e lá fiquei. Olhei para o relógio do celular e vi que tinha meia hora para descansar. Já daria um alívio para aguentar o resto do expediente. Quando mal percebi, apaguei.

De repente, alguém toca meu ombro. Meus olhos custaram a se abrir e tonto percebi na minha frente o investigador Giovane. Levei um susto, parecia um sonho.

“Senhor Márcio, tudo bem?”

“Oi, sim.”

“Podemos conversar por um momento?”

Eu olhei no relógio, faltavam 15 minutos para eu retornar ao trabalho.

“Vamos andando até a minha repartição”, eu disse.

“Não vai demorar”, disse ele.

Caminhamos lentamente, debaixo do sol, um ao lado do outro.

“Então, o que você quer?”

“Eu vim trocar uma palavra contigo. A gente vai encerrar as investigações sobre o atropelamento da senhora Denise dos Santos.”

“Não acharam um culpado?”

“Não, até agora nada.”

“Que pena.”

“Vamos ser francos, Márcio.”

“Estou sendo.”

“Eu sei que foi tu.”

“Como assim?”

“Não achamos mais ninguém na área que pudesse ter o mesmo modelo de carro. Tu mora relativamente perto do ocorrido. Tu vendeu o carro com medo, só pode ser tu.”

“Tu não tem provas para embasar essa afirmação.”

“Não tenho. Mas trabalho há 20 anos nisso e sei quando alguém é culpado. Eu estou olhando para um criminoso agora.”

“Não fui eu.”

“Tudo bem, tu pode continuar negando. Vim fazer só uma última tentativa mesmo. Eu só queria ver se tu conseguia lidar com tua consciência.”

“Não tenho com o que me preocupar.”

“Tu matou uma pessoa.”

“Não matei.”

“Eu tenho convicção de que foi tu, Márcio.”

“Tu tá errado, eu já disse.”

“Tá bom, não vou insistir. Tu tem o meu cartão. A delegacia fica perto da tua casa. Qualquer coisa, estou te esperando lá. Espero que tu tome consciência e pague pelos teus erros.”

“Se eu tivesse algo a pagar, faria. Não é o caso.”

“Tá certo. Adeus.”

Ele não me cumprimentou. O desprezo que sentia por mim era evidente. Eu me sentia mal de mentir, mas não podia baixar a guarda nesse momento. Estava suando do calor que fazia e da tensão passada. Subi as escadas e voltei para a repartição. Meu sono tinha passado. Trabalhei mais no período da tarde, fui um pouco menos relapso e fui para casa correndo.

No apartamento, sequer parei para comer algo. Tirei minhas roupas, não tomei banho e me deitei na cama. Eu estava exausto. Fechei os olhos e me deitei de bruços. Esperei o sono vir, mas ele não veio. Eu estava consumido pela culpa e minha



mente não parava de se movimentar. Revia as cenas do atropelamento, minha mãe no caixão, Joana nua no meu sofá. Não seria possível passar mais uma noite insone.

Fui até o banheiro e abri a caixa de remédios. Tomei um monte de remédios para enjoo na esperança de que me derrubasse depois de um tempo. Voltei a me deitar na cama e fechei novamente os olhos. Os pensamentos agora se misturavam, eu via o cabelo de Denise espalhado pelo asfalto e os dedos de minha mãe batendo no braço da poltrona. De repente, não sei precisar quando, apaguei.

Depois de alguns dias sem nos falarmos, Joana ligou me convidando para passar o dia na casa dela. Seria uma encontro familiar, seu irmão estaria lá, mas fiquei surpreso de ela ter voltado a falar comigo. Na minha cabeça, ela sabia de tudo e não fazia muito sentido ela continuar a demonstrar afeto por mim. Ou talvez eu só estivesse imaginando coisas e para ela eu era o cara bacana que a acolheu em um momento difícil.

Era um domingo nublado e abafado, começo da tarde. Nossas casas não eram longe uma da outra, então decidi ir a pé. Tomei um banho e passei perfume, mas com certeza chegaria suado até lá, até porque sua casa fica em uma subida. Usei um guarda-chuva para pegar menos sol e caminhei lentamente até o destino.

Bati na porta e ninguém atendeu. Bati de novo e abriu Júlio, o irmão dela. Ele não parecia muito animado em me ver. Logo que me deixou entrar, voltou para o seu quarto, onde pude ver, havia um computador velho onde ele jogava algum *game* on-line. Joana saiu da cozinha e se aproximou de mim. Hesitamos, mas nos demos um beijo na boca. Eu tentava perceber algo de diferente nela, algo que entregasse suas intenções, mas seus olhos amendoados e grandes não me revelavam nada. Sentamos no sofá da sala, um do lado do outro e ela ligou a TV. Não tínhamos

combinado nada de especial para fazer. Eu disse a ela que estava muito quente para passearmos ao ar livre e ela me disse que faria um café da tarde para mim.

Enquanto o programa de auditório passava na TV, conversamos amenidades. Perguntei do trabalho, da vida financeira, de como estava Júlio no colégio e se ele ia precisar trabalhar. Ela me respondeu que estava tudo bem e que por enquanto tinham combinado que Júlio terminaria os seus estudos, pelo menos o ensino médio e que eles viveriam meio apertados, mas o suficiente para aguentar até ele se formar.

Ela me perguntou como eu estava e eu não menti. Disse que me sentia deprimido, que estava indo mal no trabalho e com perigo de ser demitido. Ela me abraçou e disse se podia fazer algo para me ajudar. Eu agradeci, mas disse que eu só precisava de tempo e talvez de um pouco de sorte.

A TV ligada me irritava, eu nunca gostei muito de televisão, em especial TV aberta aos domingos. Ela parece ter notado meu incômodo e desligou o aparelho. Em seguida, teve a ideia de me mostrar a casa, já que eu só conhecia a sala. Era uma casa de madeira, com três quartos pequenos e a sala conjugada com a cozinha. Fomos até o quarto dela. A primeira coisa que notei foi um bicho de pelúcia encardido. Perguntei a ela há quanto tempo ela tinha essa coisa e ela me disse que desde pequena, era um presente de um tio que tinha valor sentimental para ela. Sentei-me em sua cama e ela se sentou na cadeira de frente a uma pequena mesa abarrotada de produtos de beleza.

“Então é aqui que tu dorme”, disse eu.

“Sim, vivo nesse quarto desde pequena, não sei o que é outra casa.”

“Tu já trouxe namorado pra cá?”

“Só trouxe um. Minha mãe não gostava disso em casa.”

“Vem cá.”

Ela se aproxima de mim e se senta na cama. Nos beijamos. Deitamos na cama e começamos a nos acariciar. Do outro lado da parede fina de madeira podíamos ouvir os barulhos do computador de Júlio. Decidimos parar por aí.

“Tu tá com uma cara meio estranha”, disse ela.

“Tô? Não é nada.”, disse eu.

“Tem certeza? Desde a última vez que a gente se viu tu parece estar diferente.”

“Eu é que digo isso de ti. Tu tá me olhando de um jeito esquisito.”

“Tô nada.”

“Tu tem alguma coisa para me falar?”

“Não, deixa de ser tolo. Tô feliz de a gente estar juntos.”

“Também tô.”

A partir desse momento eu me senti mais leve. Acho que era só impressão minha de que ela estava escondendo algo ou de que ela soubesse de tudo.

“Levanta, quero te mostrar outro lugar.”

Sáímos do quarto dela, passamos na frente do quarto de Júlio e ela abriu a porta do quarto da mãe. Era um quarto claro, com poucos objetos: uma cama de madeira, um criado-mudo com um relógio e um santinho embaixo de um terço. Havia também um pequeno armário de madeira e uma cadeira. O quarto estava quente por estar fechado ao mesmo tempo em que a luz batia.

Sentamos na cama e ela se virou para abrir uma das gavetas do criado mudo. Tirou dali uma foto de sua mãe. Era uma 3x4 em preto e branco, provavelmente de uns 20 anos atrás.

“Essa é minha mãe, a Denise.”

“Ela era bonita.”

“Tenho tanta saudade dela. Sobrou tão pouca coisa de recordação.”

Nesse momento, fiquei emocionado. Pensar que aquela pessoa não existe mais por minha causa acabava comigo. Comecei a chorar, mas tentei não demonstrar. Acho que não teve como.

“O que que foi?”, disse ela.

“Nada.”

“Tá tudo bem?”

“Sim.”

Tive vontade de acabar com esse teatro todo e finalmente dizer tudo para ela. Não sei como ela iria reagir, provavelmente da pior maneira possível. Desisto de contar, me levanto da cama e peço por um copo d’água. Saímos do quarto de sua mãe e fomos até a cozinha. Eu consegui me controlar e tomei a água de um gole só.

“Eu tenho a impressão de que tu quer me contar alguma coisa e não pode”, disse ela.

“Não tenho nada pra contar.”

Mais tarde tomamos uma café na mesa. Júlio deu um tempo no computador e se juntou a nós. Eu me sentia bem ao lado deles, mas sabia que isso estava chegando ao fim. A culpa que pesava me impedia de manter esse jogo por muito mais tempo.

Saí de lá já estava começando a escurecer. Dei um último abraço em Joana. Íamos nos beijar, mas eu parei no último tempo. Ficamos com essa sensação de que algo foi interrompido. Talvez o melhor fosse parar de vê-la.

Deixei de ir ao trabalho novamente. Acho que dessa vez não escapo. Antes era natural acordar, tomar um banho, pegar um ônibus para passar o dia digitando coisas alheias a mim. Agora não consigo mais. Tudo perdeu sentido desde que minha mãe se foi e desde que atropeli Denise. Eu simplesmente não tenho energia para mais nada. Parei de pensar no futuro, estou considerando minha vida dia a dia. É o melhor que consigo fazer no momento.

A visita à casa de Joana também me abalou. Ver o quarto da mãe, a foto, as pequenas coisas espalhadas pelo cômodo. Como eu pude fazer isso? Por que eu continuo sustentando essa farsa? Eu não aguentava mais. Comecei a me sentir agitado e decidi sair. Pensei em andar sem rumo. Botei roupas leves, passei um protetor solar e saí de casa.

Primeiro andei pelo meu bairro. Eu já sabia a ordem das casas e dos prédios de cor. Era um trajeto que eu passava quase todo dia, fosse a pé, fosse de ônibus. Tentava olhar como se fosse a primeira vez o pequeno comércio com cabelereiros, pizzarias, restaurantes, lotéricas, lojas de produto natural e academias. As calçadas irregulares. As pessoas já cansadas indo para o trabalho ou para a universidade. Os prédios residenciais dos anos 80, com seus apartamentos grandes para os padrões de

hoje. As velhinhas indo ao mini-mercado. Antes eu sentia uma certo pertencimento a essa porção da cidade, mas desde que minha mãe se foi, tudo me parece alheio. Era ela que me ligava a essa terra.

Olhei para o relógio, era metade da manhã. Aproximei-me da UFSC. Seria no mínimo irônico subir na repartição agora no estado que estou, dias depois de sumir mais uma vez. Andei um pouco pelo campus, tomei uma garrafa de água, mas me mantive afastado do setor em que trabalho. Fui no centro de ciências humanas, onde estudei. Tudo muito diferente da minha época, muito maior e mais caótico, prédios novos, gente que não reconheço. Subi em direção ao bosque da UFSC e caminhei um pouco entre as árvores. Foi aqui que aconteceu meu trote universitário. Voltei para casa tomado por ovos, farinha e tinta. Não parece que faz tanto tempo.

Dali me afastei do campus e fui pela Beira-mar em direção ao bairro Santa Mônica. É um bairro um pouco mais rico, composto por casas grandes, com uma avenida central bastante movimentada. Eu sentia meu corpo quente e a pele queimar por já estar há tanto tempo andando na rua. Parei em uma praça, que fica atrás de um posto policial, e me sentei por alguns instantes. Os equipamentos do parquinho se mexiam com o vento morno que soprava. Eu não sabia o que estava fazendo. Deitei-me no banco e olhei para céu, salpicado de nuvens. Nesse momento, tive a ideia de visitar o cemitério. Seria mais uns 20 minutos de caminhada, não estava tão longe. Depois de recobrar o fôlego voltei a andar, dessa vez com direção definida. Cheguei à Udesc, a outra universidade pública, e virei a rua já no bairro Itacorubi.

Andando pela rua principal do bairro, sinto meu telefone vibrar. É uma mensagem de Joana. Ela pergunta como eu estou e diz que gosta muito de mim.



Não sabia direito como responder. Digo meio seco que está tudo bem e que gosto dela também. Achei que fosse o jeito mais breve de me livrar dessa interação. Continuo a caminhar, um pouco incomodado com a velocidade dos carros na rua, que vão em direção ao morro da lagoa. Passo por pequenos comércios, ruas antigas, instituições públicas e começo a ficar cansado.

Chego finalmente ao cemitério do Itacorubi. Passo o portão de ferro, a casa que serve de sede para a administração do cemitério e subo a pequena rua em direção ao setor onde fica o túmulo da minha mãe e do meu pai. Em seguida, vou pelo vão estreito entre as lápides. O mato cresce alto entre as fendas e muitas folhas e bagas caem das árvores ao redor sujando os túmulos. Chego ao meu destino e me sento na nossa lápide de cor marrom. Tiro as folhas e sujeiras do túmulo, um cuidado que ainda tento manter pela lembrança dela. Passo a mão sobre os nomes da minha mãe e começo a conversar com ela. Pergunto como está, falo que sinto muito sua falta, canto um pouco da canção de infância que ela tanto gostava.

“Mãe, eu fiz uma besteira. Eu não te contei enquanto tu era viva, eu tinha muito receio. Eu matei uma pessoa mãe. Uma senhora, uma senhora inocente. Eu sou culpado. Foi um momento de lapso, enquanto eu tava dirigindo. Eu não fiz por querer, mas a culpa é minha. Até agora não fui pego, mas minha consciência está muito pesada, até porque me aproximei da filha dela. Eu sou uma desgraça, mãe, eu não sou o teu filho. Eu não sei como eu cheguei a esse ponto. Me diz o que eu devo fazer, me diz, eu confio na tua palavra, me diz por favor.”

Comecei a chorar baixinho. De repente, vejo alguém passar por trás de mim. Devia ser apenas uma dessas pessoas que são pagas para limpar os túmulos, mas tomei um susto. Diminuí o tom da minha voz e tentei segurar o choro.

“Se tu tivesse aqui tu ia saber o que fazer para me ajudar. Eu sinto tanto tua falta, é um buraco na minha vida. Volta para mim, mãe.”

Um vento forte bate e derruba folhas. Eu passo novamente a mão sobre as letras do nome da minha mãe, como forma de fazer o único carinho possível nessas circunstâncias.

“O que eu faço, mãe, me diz.”

Não obtive resposta e o silêncio se fez. Nesse momento, um sentimento tomou conta de mim. Senti-me sozinho no mundo. Não tenho mais apoio, asa de mãe. Pela primeira vez eu entendia que eu sou responsável pelo que faço e que deveria ser forte para encarar os meus problemas. Tudo dependia só de mim. Seria assim a partir de agora.

Fiquei por mais alguns minutos em silêncio, me levantei e me despedi da minha mãe e do meu pai. Saindo dali, cruzei com a mesma pessoa que tinha passado atrás de mim. Ele me deu um aceno, perguntou se estava tudo bem, já tínhamos nos visto outras vezes no cemitério. Eu agradei e disse que sim. Cada um de nós tomou o seu caminho.

Senti que não tinha mais para onde ir. Eu estava com fome, com sede e me sentia um pouco fraco. Voltei para casa por um caminho diferente, passando a reta das três pontes sempre andando pela calçada da Beira-mar. Cheguei em casa cansado, mas não era apenas um cansaço físico e sim um cansaço emocional, de quem já não

aguenta mais sustentar a mesma situação por tanto tempo. Ainda era cedo, nem tinha escurecido, mas fui para a cama e dormi. Tive sonhos confusos onde eu era atropelado várias vezes por um carro. Acordei no meio da noite assustado, mas convicto que eu deveria fazer algo sobre tudo que venho passando. Não tinha mais como evitar. Faria isso nem que fosse pela memória da minha mãe.

Passei quase o dia inteiro na cama. Eu tinha um sono esquisito, uma letargia. Só podia ser depressão. Não comi direito, não atendi mensagens, nem telefonemas, não abri a porta para ninguém. Só me levantava para ir ao banheiro e dar uma volta sem sentido pela sala e pela cozinha. A casa estava suja, fazia semanas que eu não a limpava. Eu parei de me importar.

Pensei muito durante esse tempo deitado. Pensei em Denise, em Joana, em minha mãe, em meu pai, em Geraldo e o emprego, pensei em minha ausência de futuro e falta de perspectivas. Eu tinha que fazer alguma coisa. Mas não tinha energia para nada. Levantei-me já no começo da noite e tomei um café gelado. A cafeína me despertou e me fez ficar longe da cama. Sentei-me no sofá da sala e encarei a poltrona vazia da minha mãe. Eu precisava fazer alguma coisa, essa ideia martelava minha cabeça. Peguei meu celular e chequei o horário. Estava na hora de assumir a responsabilidade pelos meus atos.

Arrumei-me e saí de casa. Fui a pé até o supermercado onde Joana trabalha. Essa era a hora do intervalo dela e os funcionários estariam em uma área externa fumando e conversando. Caminhei em direção até lá nervoso, eu sabia o que deveria ser feito, mas mesmo assim tinha medo. Batia um vento quente e os carros passavam

pela rua principal do bairro de maneira silenciosa. Finalmente, entrei na rua do supermercado e vi o conjunto de pessoas na calçada. De longe, Joana percebeu que eu me aproximava e fez um aceno.

Cheguei lá e ela me recebeu com um abraço. Eu me sentia culpado e não a abracei direito.

“A gente precisa conversar. Tem como a gente ir para algum lugar?”, disse eu.

“Não dá, meu intervalo tá acabando. Não pode ser aqui?”, disse ela.

“Não sei, não me parece muito certo.”

“Diz logo, eles não tão prestando atenção na gente.”

“Tá bom.”

Fiquei em silêncio por um instante. Ela me olhou tentando entender o que se passava.

“Fui eu.”

“Foi tu o quê?”, disse ela rindo.

“Fui eu que fiz.”

“Fez o quê?”

“Fui eu que atropeliei tua mãe.”

“O quê? O que tu tá falando?”

“A verdade.”

“Tu tá brincando, para com isso.”

“Não tô.”

“Tu tá maluco?”

“Foi um acidente, eu me distraí e ela apareceu na minha frente, eu entrei em pânico e fugi. Desculpa. Eu entendo se tu não quiser mais me ver.”

“Eu não acredito no que tô ouvindo.”

Eu pego na mão dela.

“Desculpa.”

Ela afasta a minha mão e eu boto a mão em seu ombro. Ela tira a mão e me dá um tapa no rosto. Eu tento me aproximar mais uma vez, ela me bate com os punhos cerrados e começa a gritar. Seus colegas de trabalho percebem que algo está errado e se aproximam. Ela berra palavras ininteligíveis e eu reajo às suas agressões. De repente, os colegas começam a bater em mim. Dão-me socos no rosto, eu caio no chão, recebo também pontapés. Caído, sinto que a tensão se esvaiu e todos se afastaram. Só consigo ver Joana chorando nos braços de outro homem. O apito do final do intervalo soa e todos voltam para dentro do supermercado. Eu fico ali no chão por mais algum tempo, sentindo dor na cabeça, percebendo que meu nariz sangra. Aos poucos me levanto e vou até o banheiro do supermercado. Estanco o sangue, passo uma água no rosto e saio dali.

Neste momento, estou convicto. Saio a pé da região do supermercado e vou em direção à delegacia. Era perto do Natal e várias casas tinham decorações e iluminações acesas. No caminho, me recordo de vários momentos. Lembro-me de quando meu pai passou mal no barco onde pescávamos e depois morto no hospital. Lembro-me da última noite da minha mãe, a discussão boba que tivemos, a tosse que não passava e que não fui capaz de perceber que era um sinal de que havia algo de errado com ela. Lembro-me de ver minha mãe no caixão, sua pele dura e

amarelada debaixo do véu, eu tocando suas mãos e enrolando o seu terço favorito nelas. Lembro-me do coveiro levando seu caixão para a cova e depois cimentando as placas de concreto que ficam por debaixo da lápide. Lembro-me do barulho que a brita do chão do cemitério faz enquanto andamos sobre ela. Lembro-me do corpo de Denise jogado no asfalto e meu carro se afastando.

Cheguei a delegacia e me aproximei da recepção. Perguntei pelo investigador Giovane. Esperei por cinco minutos e ele apareceu. Eu estava assustado, devia estar branco, com os olhos arregalados e o nariz sujo de sangue. Giovane em um instante entendeu tudo. Convidou-me para ir até a sala de entrevistas e me sentei lá. Ele se sentou na minha frente e apenas esperou. Eu titubeei, pus as mãos sobre a mesa, senti a maciez da superfície de madeira e olhei fixo nos olhos dele.

“Eu atropelai e matei a senhora Denise na noite de seis de dezembro.”